CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA EDUARDA DE MELO LEITE

SEXUALIDADE FEMININA E INDIVIDUAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Cuiabá/MT
2025

CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA EDUARDA DE MELO LEITE

SEXUALIDADE FEMININA E INDIVIDUAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia, da Faculdade Fasipe Cuiabá, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.
Orientador (a): Prof. Esp. Leonço Alvaro Costa Filho

Cuiabá/MT

2025

MARIA EDUARDA DE MELO LEITE

SEXUALIDADE FEMININA E INDIVIDUAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia – da Faculdade Fasipe Cuiabá - FASIPE como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em _____.

_____
Professor(a) Orientador(a): Prof. Esp. Leonço Alvaro Costa Filho
Departamento de Psicologia – FASIPE

_____
Professor(a) Avaliador(a): Prof.
Departamento de Psicologia – FASIPE

_____
Professor(a) Avaliador(a): Me.
Departamento de Psicologia – FASIPE

Cuiabá - MT
2025

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho ao desenvolvimento do reconhecimento da sexualidade como fator relevante na saúde mental.

AGRADECIMENTOS

- Primeiramente minha pessoa que se dedicou diariamente, estive presente, participou desses anos com o melhor que pode.

- A espiritualidade e ancestralidade que me mantiveram firme nos momentos em que quis desistir.

- A minha vó Tereza, que é a minha melhor amiga, confidente, apoiadora, conselheira, colo e conforto para minha alma.

- A minha querida e amada mãe, que me deu todo o suporte que eu precisava para a realização desse sonho.

- Ao meu pai, que sempre acreditou em mim e me ensinou a ser corajosa e autêntica.

- Ao professor orientador, que apoiou minhas ideias e acompanhou cada passo da sintetização do presente trabalho.

- Aos demais professores, do curso de graduação, que nos transmitiram seus conhecimentos e muito contribuíram para nossa formação.

- Às empresas onde foram realizados os estágios, pela ajuda e disponibilidade de seus colaboradores.

- A todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho e permitiram o enriquecimento de minha aprendizagem.

EPÍGRAFE

“Só aquilo que somos realmente tem o poder de curar-nos.”

C. G. Jung

MELO, Maria Eduarda Leite, Sexualidade feminina e individuação: uma contribuição da Psicologia Analítica., 54 paginas.
Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Fasipe Cuiabá

RESUMO

A sexualidade feminina constitui uma dimensão essencial da experiência humana, frequentemente marcada por repressões históricas, silenciamentos culturais e interpretações reducionistas. Este estudo tem como objetivo compreender a relação entre a sexualidade feminina e o processo de individuação, à luz da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e bibliográfica, fundamentada em obras clássicas de Jung, von Franz e Kast, além de autoras contemporâneas como Cartaxo, Franco, Estés e Chaves e Santos. A coleta de dados foi realizada em bases científicas nacionais e internacionais (SciELO, PePSIC, BVS, PubMed e Google Acadêmico), seguindo uma adaptação do protocolo PRISMA, que assegurou rigor e transparência na seleção das fontes. Os resultados indicam que a repressão da sexualidade feminina constitui um obstáculo significativo ao processo de individuação, afetando o equilíbrio entre corpo, psique e desejo. Por outro lado, a integração simbólica da sexualidade promove vitalidade, autenticidade e fortalecimento do Self. Conclui-se que a sexualidade, quando reconhecida como expressão legítima da libido e do inconsciente coletivo, torna-se uma via essencial de autoconhecimento e saúde psíquica, contribuindo para práticas clínicas mais sensíveis e integrativas no contexto da psicologia contemporânea.

Palavras-chave: Sexualidade feminina. Psicologia analítica. Individuação. Libido. Feminino.

MELO, Maria Eduarda Leite. Female sexuality and individuation: a contribution of Analytical Psychology. 54 pages.

Undergraduate Thesis – Faculdade FASIPE Cuiabá.

ABSTRACT

Female sexuality constitutes an essential dimension of human experience, often marked by historical repression, cultural silencing, and reductionist interpretations. This study aims to understand the relationship between female sexuality and the individuation process based on Carl Gustav Jung's Analytical Psychology. It is a qualitative, exploratory, and bibliographic research, grounded in classical works by Jung, von Franz, and Kast, as well as contemporary authors such as Cartaxo, Franco, Estés, and Chaves e Santos. Data were collected from national and international scientific databases (SciELO, PePSIC, BVS, PubMed, and Google Scholar), following an adapted PRISMA protocol to ensure rigor and transparency in the selection of studies. The results indicate that the repression of female sexuality constitutes a significant obstacle to the individuation process, affecting the balance between body, psyche, and desire. Conversely, the symbolic integration of sexuality fosters vitality, authenticity, and the strengthening of the Self. It is concluded that sexuality, when recognized as a legitimate expression of libido and the collective unconscious, becomes an essential path of self-knowledge and psychological health, contributing to more sensitive and integrative clinical practices within contemporary psychology.

Keywords: Female sexuality. Analytical psychology. Individuation. Libido. Feminine.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA 13
2.1 Fundamentos da Psicologia Analítica 13
2.1.1 Libido como energia psíquica em Jung 13
2.1.2 Sexualidade: distinções entre Freud e Jung 14
2.1.3 A relação entre sexualidade, libido e o processo de individuação 16
2.1.4 O Self como centro organizador da psique 17
2.2 Sexualidade Feminina na História e na Psicologia 19
2.2.1 Repressão histórica da sexualidade feminina 19
2.2.2 O corpo feminino como território de controle cultural e social 20
2.2.3 O silêncio da sexualidade feminina na psicologia clássica 22
2.2.4 Contribuições feministas e diálogo com a psicologia analítica 23
2.3 Sexualidade e Individuação Feminina 25
2.3.1 A sexualidade como via de autoconhecimento 25
2.3.2. Arquétipos femininos 26
2.3.3. A integração dos opostos: masculino e feminino psíquicos 28
2.3.4 Eros e Logos como forças simbólicas no processo de individuação 29
2.4 Trauma, Repressão e Adoecimento Psíquico 31
2.4.1 A repressão sexual e a formação da sombra feminina 31
2.4.2 Impactos psíquicos dos traumas sexuais 32
2.4.3 Relação entre trauma, inconsciente coletivo e arquétipos 33
2.4.4 Caminhos de elaboração simbólica na clínica junguiana 34
2.5 Sexualidade, Bem Estar e Clínica Contemporânea 35
2.5.1 A sexualidade feminina como promotora de qualidade de vida 35
2.5.2 A escuta clínica sensível às demandas femininas 36
2.5.3 Perspectivas contemporâneas 37
2.5.4 Estudos recentes sobre sexualidade e saúde mental (2020–2025) 39
3 METODOLOGIA CIENTÍFICA 41
3.1 Tipo de Estudo 41
3.2 Fontes de Dados 41
3.3 Critérios de Inclusão e Exclusão 42
3.4 Estratégia de Busca 42
3.5 Análise dos Dados 43

3.6 Síntese e Apresentação dos Resultados 44
4 Resultados e Discussão..... 45
4.1 Síntese Crítica dos Eixos Teóricos..... 45
4.2 Comparação entre Clássicos e Pesquisas Recentes 47
4.3 Limitações do Estudo..... 48
5 Considerações Finais..... 51
6 REFERÊNCIAS 54

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é uma dimensão fundamental da existência humana, sendo atravessada por aspectos biológicos, psicológicos, sociais, culturais e simbólicos. Apesar disso, a sexualidade feminina ainda é frequentemente negligenciada, silenciada ou reduzida a estereótipos, tanto no discurso social quanto nas práticas de cuidado em saúde mental. A experiência do prazer, do desejo e da autonomia corporal por parte da mulher carrega marcas históricas de repressão e moralização, dificultando uma vivência plena e consciente dessa esfera da vida (Beauvoir, 1949; Federici, 2017; Foucault, 1988).

No contexto da psicologia clínica, essa negligência revela um vazio significativo: o desejo da mulher raramente é escutado de forma legítima e profunda. Questões relativas ao corpo, ao prazer e à libido continuam sendo vistas, muitas vezes, como secundárias ou desconectadas do processo terapêutico, o que empobrece a escuta e o acolhimento das demandas subjetivas femininas (Cartaxo, 2023). Esse silenciamento também pode repercutir no adoecimento psíquico, na medida em que bloqueia vias fundamentais de expressão da energia vital e de realização pessoal (Kast, 1997).

A psicologia analítica, proposta por Carl Gustav Jung, oferece um campo fértil para refletir sobre essas questões, ao compreender a sexualidade não apenas como instinto, mas como uma das manifestações da libido — energia criativa e estruturante da psique (Jung, 2013a). Nesse sentido, a sexualidade pode ser vista como uma via simbólica do processo de individuação, entendido como o caminho de desenvolvimento e integração dos conteúdos conscientes e inconscientes da personalidade (Jung, 2012). Assim, investigar a sexualidade feminina à luz da psicologia analítica significa também abrir espaço para escutar o que os desejos, traumas e impulsos comunicam sobre o percurso de individuação da mulher (Franco; Maranhão, 2022).

Este trabalho se justifica pela necessidade urgente de que temas como esse sejam investigados no campo da psicologia, especialmente na clínica. A plenitude sexual integra o conceito de saúde e bem-estar, e sua ausência ou repressão pode impactar diretamente o equilíbrio psíquico e emocional da mulher (Santos; Chaves, 2024). A abordagem proposta busca dar voz àquelas que foram historicamente silenciadas ao falarem sobre seus desejos, vontades e necessidades. Ao tratar a sexualidade como dimensão simbólica e subjetiva, esta pesquisa pretende contribuir com a construção de uma escuta clínica mais sensível, respeitosa e transformadora (Woodman, 2002; Estés, 2014).

Por fim, este trabalho visa também ampliar os diálogos entre a psicologia analítica e os saberes contemporâneos sobre o feminino e a sexualidade. Autoras como Clarissa Pinkola Estés (2014), Marion Woodman (2002), Verena Kast (1997), Marie-Louise von Franz (1990) e Silvia Monteiro Cartaxo (2023) são fundamentais para essa discussão. Estés (2014), ao abordar o arquétipo da Mulher Selvagem, defende que o resgate do instinto, da intuição e da liberdade psíquica é parte essencial da saúde emocional feminina. Woodman (2002) analisa como a cisão

entre corpo e espírito afeta profundamente as mulheres, especialmente quando o feminino é reprimido culturalmente. Kast (1997) contribui ao mostrar como a repressão de conteúdos afetivos e sexuais forma complexos e bloqueios psíquicos, muitas vezes inconscientes. Von Franz (1990) destaca a importância de símbolos e mitos na integração da psique feminina. Cartaxo (2023) investiga como a estrutura patriarcal impacta diretamente a relação da mulher com seu corpo e desejo, argumentando que a alienação do corpo feminino é um dos fatores centrais de sofrimento psíquico. Assim, este estudo fundamenta-se na articulação dessas autoras com os conceitos de Jung para analisar a sexualidade como via legítima de subjetivação e de ampliação da consciência.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo geral compreender a relação entre a sexualidade feminina e o processo de individuação, a partir das contribuições da psicologia analítica. Para alcançar essa finalidade, propõem-se os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar os fundamentos da psicologia analítica sobre sexualidade e individuação.
2. Refletir sobre os efeitos psíquicos da repressão da sexualidade na mulher contemporânea.
3. Investigar os impactos dos traumas sexuais no desenvolvimento psíquico feminino.
4. Explorar a sexualidade como possibilidade de bem-estar e promoção da qualidade de vida da mulher.

Ao longo deste trabalho, pretende-se, portanto, tecer um olhar clínico e simbólico sobre a sexualidade feminina, entendendo-a como um caminho legítimo de construção da subjetividade, de elaboração de traumas e de fortalecimento do processo de individuação na vida da mulher contemporânea.

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e bibliográfica. A escolha por esse delineamento metodológico se justifica pela intenção de compreender, em profundidade, os aspectos subjetivos, simbólicos e teóricos que envolvem a sexualidade feminina e o processo de individuação, a partir da perspectiva da psicologia analítica. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é aquela desenvolvida a partir de material já publicado, sendo especialmente adequada quando se busca compreender construções teóricas existentes e suas aplicações possíveis. Para tanto, o trabalho foi fundamentado em obras clássicas da psicologia analítica, como os escritos de Jung, bem como em autoras contemporâneas que discutem a sexualidade, o feminino, a clínica e o desenvolvimento psíquico. Também foram consultados artigos acadêmicos, dissertações e livros publicados nos últimos dez anos, com recorte temporal a partir de 2015, com o objetivo de integrar os conceitos clássicos às reflexões atuais sobre o tema. A seleção e análise do material seguiram critérios de relevância temática, rigor teórico e atualidade das fontes, conforme sugerem os princípios metodológicos para estudos qualitativos em ciências humanas (Minayo, 2001).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Fundamentos da Psicologia Analítica

2.1.1 Libido como energia psíquica em Jung

No âmbito da psicologia analítica, o conceito de libido desempenha um papel fundamental na compreensão do funcionamento psíquico. Jung (2013) reinterpreta a noção originalmente apresentada por Freud, expandindo seu significado além do domínio restrito sexual. Ao conceber a libido como energia sexual reprimida, conforme a psicanálise clássica, Jung a caracteriza como uma energia psíquica abrangente, suscetível de se manifestar em diversas expressões humanas, como desejo, criatividade, afetos, sonhos e relacionamentos (JUNG, 2013).

A libido, segundo Jung, é um princípio crucial que impulsiona toda a psique . Refere-se a uma força dinâmica e neutra que pode ser direcionada tanto para o interior quanto para o exterior, conforme a exigência da personalidade em cada fase de desenvolvimento. Quando orientada externamente, a libido propicia ações no mundo, a concretização de projetos e a formação de vínculos sociais. Ao voltar-se para o interior, torna-se o motor de processos subjetivos, como a reflexão, a criação de imagens, a elaboração de experiências e o contato com o inconsciente (JUNG, 2000).

Jung argumenta que a libido não está vinculada a um conteúdo específico, mas sim ao dinamismo. Em outras palavras, ela não representa o "o quê", mas sim o "como" uma energia se manifesta e se move na psique. Essa abordagem permite entender os processos psíquicos não apenas como respostas e estímulos internos e externos, mas como consequência do fluxo energético que estrutura, desestrutura e reestrutura a personalidade ao longo do tempo (JUNG, 2013). Nesse contexto, a libido está diretamente relacionada à tensão entre os opostos psíquicos, como consciente e inconsciente, masculino e feminino, instinto e cultura, sendo, assim, essencial do processo de individuação (JUNG, 2000).

Na obra A energia psíquica, Jung (2013) expõe vários exemplos que demonstram a conversão da libido de uma função para outra: o desejo sexual pode ser transmutado na produção artística; uma agressividade reprimida pode

manifestar-se como impulso de superação; a frustração amorosa pode ceder espaço à contemplação espiritual. Essas transformações não extinguem o instinto, mas reconfiguram a maneira como se manifestam, evidenciando o potencial criativo da psique. Jung denomina função transcendente a essa capacidade de deslocamento e transformação de energia, que é o mecanismo responsável por integrar contradições internacionais e possibilitar avanços no desenvolvimento psicológico (JUNG, 2013).

A plasticidade da libido se torna um elemento fundamental na individuação. O caminho para a totalidade exige que da psique conteúdos arquetípicos ou padrões defensivos, redirecionando sua energia, ao enfrentamento de suas imagens internas e à integração dos elementos negados ou reprimidos (JUNG, 2013). Sem a dinâmica da libido, não há uma ativação do inconsciente, nem a possibilidade de reestruturação das experiências — processos essenciais na trajetória de amadurecimento e formação do Self.

Portanto, a libido, na psicologia junguiana, transcende um mero conceito teórico, constituindo uma ferramenta interpretativa clínica e existencial. Compreender como energia psíquica implica reconhecer de que cada sintoma, desejo ou impulso — inclusive aqueles que aparentemente são incoerentes ou socialmente impróprios — possui uma carga energética passível de interpretação, redirecionamento e integração no desenvolvimento da personalidade. Essa concepção fundamenta uma prática terapêutica que não visa a normalização do comportamento, mas sim a promoção de processos internos de diferenciação, transformação e significado (JUNG, 2013).

2.1.2 Sexualidade: distinções entre Freud e Jung

A sexualidade constituiu um dos fundamentos da teoria psicanalítica desenvolvida por Sigmund Freud. Segundo o autor, a sexualidade humana transcende o ato sexual, manifestando-se como uma força instintiva que permeia todas as etapas do desenvolvimento psíquico, desde a infância. Essa energia, denominada libido, representa a força motriz das pulsões e está na base de diversos sintomas psiconeuróticos, especialmente quando reprimida pela moral social (Freud, 1905). Freud postolou que os conflitos inconscientes relacionados à sexualidade infantil — particularmente aqueles associados às fases oral, anal e fálica — seriam

responsáveis por múltiplas formações sintomáticas, como histerias, fobias e obsessões (Freud, 1920).

A compreensão da sexualidade como elemento central da psique gerou formulações teóricas substanciais do início do século XX, particularmente entre Freud e Jung. Segundo Freud, o inconsciente é composto predominantemente constituído por conteúdos recalcados de natureza sexual, sendo a repressão desses impulsos a causa de grande parte do sofrimento psíquico (Freud, 1923). Jung, por sua vez, reconhece a importância da sexualidade, mas sugere uma compreensão mais abrangente da libido. De acordo com o autor, essa energia transcende a pulsão sexual, constituindo uma força psíquica abrangente que pode se manifestar em diversas esferas da vida, incluindo espiritualidade, criatividade, aspiração à realização e desenvolvimento psicológico (Jung, 2013).

Umas grandes divergências entre os dois autores residem, portanto, na concepção da natureza da libido. Enquanto Freud a teoria freudiana a define essencialmente como de natureza sexual, Jung interpreta como uma energia vital indiferenciada, que se ajusta às exigências da personalidade durante sua evolução. A reformulação do conceito da libido é central na obra "*Símbolos da Transformação*", onde Jung exemplifica como essa energia pode ser redirecionada para propósitos não sexuais, como a criação artística, o progresso espiritual ou uma integração psíquica (Jung, 2013).

Freud também considerava a sexualidade como fundamental na etiologia das neuroses. Em obras como "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), argumenta que os sintomas neuróticos frequentemente resultam de traumas associados à repressão dos desejos sexuais infantis. Essa perspectiva foi preservada como fundamento teórico por uma parte significativa da tradição psicanalítica. No entanto, autores contemporâneos indicam que essa centralidade foi posteriormente relativizada na prática clínica atual. Green (2021) contempla a sexualidade dentro de estruturas não neuróticas e enfatiza como a concepção de Freud continua a impactar a prática clínica, apesar da escuta contemporânea expandir esse domínio para além da repressão sexual. A concepção continua a impactar a prática clínica, apesar da escuta contemporânea expandir esse domínio para além da repressão sexual.

Na psicologia analítica, a libido constitui o impulso fundamental do processo de individuação. A sexualidade transcende a mera interpretação de conflitos infantis

e é reconhecida como uma forma legítima de expressão da energia psíquica, desde que incorporada ao desenvolvimento da personalidade. A sexualidade feminina, nesse contexto, pode ser entendida não apenas como uma expressão do instinto, mas também como uma força criativa e relacional que contribui para o desenvolvimento psicológico e a constituição do Self (Jung, 2000; Jung, 2013).

2.1.3 A relação entre sexualidade, libido e o processo de individuação

Na psicologia analítica, o processo de individuação é caracterizado como o percurso pelo qual o indivíduo se torna sua totalidade, integrando os diferentes aspectos conscientes e inconscientes da psique. A libido, neste contexto, é entendida como uma energia que sustenta e impulsiona o movimento em direção ao Self, constituindo, assim, um elemento essencial para o amadurecimento psicológico (JUNG, 2000).

Ao contrário da concepção freudiana, que vincula a libido diretamente ao instinto sexual, Jung (2013) sugere uma expansão do conceito. Para ele, a libido é uma energia psíquica abrangente, que pode se manifestar de diversas maneiras — incluindo o desejo sexual — mas não se limita a isso. A referida energia é neutra em sua essência, sendo definida por sua direção e propósito psíquico (JUNG, 2013). A sexualidade, nesse contexto, é uma das formas de manifestação da libido, e sua repressão ou perda pode obstruir o fluxo energético essencial à individuação.

A repressão da sexualidade, especialmente no que tange à mulher, constitui, segundo Jung, um obstáculo ao processo natural de transformação psíquica. Ao reprimir impulsos legítimos, o ego obstrui a livre circulação da energia na psique, favorecendo a formação de complexos, sintomas ou projeções. A sexualidade é relevante para o processo de individuação, pois, ao ser integrada à consciência, possibilita a utilização construtiva da energia libidinal, promovendo uma expansão da personalidade e o surgimento de novos significados existenciais (JUNG, 2013).

No artigo "Compreensões da sexualidade através da lente da psicologia analítica", observa-se que uma integração da sexualidade pode atuar como uma ocorrência no processo de individuação, especialmente quando os desejos e impulsos são reconhecidos como legítimos e compreendidos dentro de um percurso de desenvolvimento psíquico. Os autores ressaltam que uma escuta clínica junguiana deve interpretar os conteúdos sexuais não como desvios ou patologias,

mas como manifestações de uma energia que almeja a transformação, a conexão com o inconsciente e a restrição da configuração psíquica (CHAVES; SANTOS, 2023).

Ao examinar a sexualidade feminina nesse contexto, evidencia-se a necessidade de desconstruir representações culturais opressivas e atualizar os arquétipos que fundamentam a experiência do feminino. Jung enfatiza que os símbolos que surgem da sexualidade — tanto em sonhos quanto em fantasias — possuem a capacidade de levar o indivíduo a confrontar aspectos negados de sua própria identidade, muitas vezes personificados na sombra ou em figuras arquetípicas dissociadas. Nesse contexto, a libido, quando direcionada à sexualidade de forma consciente e elaborada, contribui para a integração desses conteúdos e para o progresso da jornada individual (JUNG, 2000).

A individuação, portanto, não pode dispensar a sexualidade. Negá-la equivaleria a repudiar uma forma de manifestação da energia fundamental da psique. Ao reconhecê-la como componente do processo, cria-se uma oportunidade para que a libido funcione não apenas como força instintiva, mas como energia criativa, transformadora e integradora — características fundamentais na psicologia analítica.

2.1.4 O Self como centro organizador da psique

No âmbito da psicologia analítica, o conceito de Self é fundamental para entender o funcionamento e o desenvolvimento da psique. Jung caracteriza o Self como o arquétipo da totalidade, simbolizando tanto o ponto de origem quanto o objetivo do processo de individuação. Trata-se um princípio organizador que transcende o ego atua como um núcleo regulador da personalidade, promovendo a integração entre os conteúdos conscientes e inconscientes da psique (JUNG, 2000).

Ao contrário do ego, que é uma fração restrita da psique consciente, o Self abrange a totalidade psíquica, incorporando conteúdos reprimidos, esquecidos ou ainda não experienciados. É por do meio do Eu que a psique busca equilíbrio e autorregulação, manifestando-se em sonhos, símbolos e imagens arquetípicas que guiam o indivíduo em sua jornada de amadurecimento psicológico (JUNG, 2013). Essa função organizadora revela a experiência de um impulso interno à integração e ao autoconhecimento — um processo que não se restringe à vontade racional, mas à escuta e à produção das manifestações inconscientes.

A energia que motiva este processo é a libido, concebida por Jung como uma força vital psíquica, não restrita à sexualidade. Quando essa energia é suprimida ou desviada de sua função natural, manifestam-se sintomas, compulsões ou desorganizações internas. O Self, nesse contexto, atua como um núcleo que atrai energia psíquica para conteúdo que refletem de integração, organizando as experiências subjetivas de maneira simbólica e transformadora (JUNG, 1916). O movimento em direção ao Self requer confrontar os conflitos, considerar as polaridades da alma — como luz e sombra, anima e animus — e integrar os aspectos rejeitados ou fragmentados do ser.

O artigo de Chaves e Santos (2023) enfatiza que, ao aceitar desejos, impulsos e afetos como manifestações legítimas da psique, a escuta clínica permite o acesso ao Self como núcleo vital e organizador. Esse acolhimento, particularmente em relação à sexualidade feminina, possibilita que a libido seja orientada para uma integração, em vez de para a repressão ou fragmentação. Quando a sexualidade é entendida como uma manifestação da energia do Self, ela deixa de ser considerada uma função secundária e é reconhecida como um meio de elaboração psíquica profunda.

Freire e Bertoldo (2023) ampliam essa perspectiva ao sugerir que o Self, em sua prática clínica, manifesta-se não como um conceito teórico abstrato, mas como uma experiência dinâmica que reconfigura a psique. A reorganização ocorre mediante o contato com imagens arquetípicas, afetos intensos, crises de identidade e momentos de transcendência. A sexualidade, nesse contexto, pode funcionar como um portal de transformação, desde que compreendida em sua dimensão simbólica e não meramente instintiva.

Assim, o Self é uma entidade que direciona a psique em direção à sua totalidade. Seu papel organizador não consiste em importantes formas fixas de ser, mas em facilitar a integração das diversas facetas do indivíduo, proporcionando sentido, coerência e continuidade à experiência psíquica. No âmbito da sexualidade feminina, considerar o Self como núcleo organizador é um ato político e clínico: implica validar o desejo, a sensibilidade e a corporeidade como componentes legítimos e fundamentais da formação da subjetividade.

2.2 Sexualidade Feminina na História e na Psicologia

2.2.1 Repressão histórica da sexualidade feminina

Segundo Mutschler e Silva (2025), a descolonização do feminino envolve um movimento crítico de análise e transformação das hierarquias históricas de poder e saber que oprimem e marginalizam as mulheres. Esse processo consiste em questionar os paradigmas eurocêntricos e patriarcais que estruturam as concepções de gênero, corpo, sexualidade e identidade, ao mesmo tempo em que busca valorizar a pluralidade das experiências femininas em distintos contextos socioculturais, reconhecendo suas múltiplas formas de existência e expressão

A repressão da sexualidade feminina é uma característica histórica caracterizada por sistemas de poder que moldaram, controlaram e silenciaram o desejo feminino ao longo dos séculos. Instituições como o patriarcado e as religiões monoteístas desempenharam um papel crucial nesse controle, gerando discursos que vinculavam o corpo e o prazer feminino ao pecado, à culpa e à desordem. O anseio feminino foi consistentemente dissociado da subjetividade e da validade existencial, sendo reduzido a um mero instrumento reprodutivo ou, quando fora desses parâmetros, uma ameaça moral e espiritual (Beauvoir, 1949).

A obra de Simone de Beauvoir foi uma das primeiras a criticar com rigor filosófico a forma como o patriarcado localizou a mulher como "o outro" — um ser caracterizado pela alteridade, cuja sexualidade deveria ser regulada para garantir uma estabilidade das estruturas familiares e sociais. Ao afirmar que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, Beauvoir (1949) ressalta como uma identidade feminina — incluindo sua dimensão erótica — foi moldada como um reflexo da dominação masculina. A supressão da sexualidade feminina está intrinsecamente relacionada à formação de uma subjetividade feminina caracterizada pela negação do desejo.

Além disso, o cristianismo teve um impacto significativo na moralidade sexual do Ocidente, estabelecendo a dicotomia entre corpo e espírito e idealizando a virgindade, o sacrifício e a obediência como virtudes femininas. Na Idade Média, a caça às bruxas se manifestou de maneira extrema a perseguição ao conhecimento feminino sobre o corpo, a fertilidade e o prazer. Silvia Federici (2017) evidencia como os eventos foram estratégias políticas destinadas a obliterar a autonomia das mulheres, em particular das camponesas e curandeiras, que simbolizavam um conhecimento erótico e corporal desvinculado do controle eclesiástico e estatal.

Apesar dos progressos do Iluminismo e da modernidade, a sexualidade feminina ocorre sob censura e medicalização. O desejo sexual feminino foi considerado patológico — histeria, ninfomania, frigidez — ou minimizado e um simples acessório do prazer masculino. Conforme enfatiza Foucault (1988), o discurso moderno sobre a sexualidade não foi realizado em liberdade, mas em uma nova modalidade de poder: a normatização do desejo sob a justificativa do conhecimento científico e da higiene social.

No domínio da psicologia, esses legados históricos não ocorrem ilesos. A mulher, influenciada por essas tradições, frequentemente internalizou imagens arquetípicas de submissão, repressão ou culpa, que moldam suas experiências sexuais e relacionais. Jung, ao sugerir a incorporação dos conteúdos inconscientes do processo de individuação, fornece um meio de recuperação da totalidade psíquica feminina — incluindo seus impulsos suprimidos. No entanto, sua obra ainda necessita de uma análise sistemática dos impactos socioculturais da repressão sexual na psique feminina (CHAVES; SANTOS, 2023).

A repressão histórica da sexualidade feminina não é apenas uma aparência do passado; é um legado psíquico e cultural ainda vigente, que requer atenção, reflexão e confronto, especialmente do âmbito clínico. Examinar essa narrativa com consciência crítica é o passo inicial para resgatar o poder do desejo feminino como uma força legítima na formação da subjetividade e do bem-estar psicológico.

2.2.2 O corpo feminino como território de controle cultural e social

Historicamente, o corpo feminino serviu como aliado simbólico e prático de estruturas de poder como o patriarcado, as doutrinas religiosas e a moralidade social. No Brasil, essa regulação é concreta e experienciada: o corpo feminino se transforma em objeto de vergonha, censura, controle de visibilidade e normatização comportamental. A pesquisa "Mulher, corpo e subjetividade" (Boris, 2007) demonstra que, sob o patriarcado, o corpo feminino é culturalmente moldado para cumprimento de funções específicas — reprodução, contenção do desejo e submissão estética ou moral. A mídia participa ativamente dessa construção, reforçando imagens idealizadas de feminilidade e fornecendo padrões às quais as mulheres são socialmente obrigadas a se conformar.

Mais especificamente, Lorena de Oliveira (2023) analisa como a sociedade brasileira ainda considera a sexualidade feminina como um fator de desonra ou

constrangimento. Em narrativas contemporâneas sobre casos de violência ou assédio sexual, observa-se que, além da agressão física ou jurídica, ocorre uma agressão simbólica: o corpo da mulher é julgado não apenas por suas ações, mas também pelas expectativas alheias sobre o que ela deveria ter realizado. Esse julgamento externo regula expressões corporais, exposição, desejo e desempenho sexual, mesmo que de forma velada ou implícita.

No consultório terapêutico ou na prática clínica, este controle cultural impõe marcas internas. O estudo “A dimensão de poder sobre os corpos femininos: uma leitura da Gestalt terapia” (Andrade 2022) revela como as mulheres enfrentaram entre o corpo vívido e o corpo idealizado; frequentemente, experiências corporais de vergonha, ansiedade ou disfunção sexual resultam dessas normas que regulam a aparência, a expressão corporal e os limites de exposição.

Além disso, as políticas reprodutivas — sejam históricas ou contemporâneas — funcionam como instrumentos formais de controle sobre o corpo feminino. Nielsson (2019) investiga a manifestação do controle reprodutivo em diversos contextos, mesmo em sociedades contemporâneas, por meio de práticas que marginalizam mulheres vulneráveis, afetando sua autonomia reprodutiva, planejamento familiar e decisões corporais.

Rosa (2020), em A Sexualidade Feminina em Escritos Das Pioneiras, destaca que psicanalistas e psicólogas pioneiras examinaram a feminilidade e o desejo feminino, mas suas ideias foram um pouco integradas nos cânones acadêmicos, sendo desconsideradas ou subestimadas. Essa invisibilidade teórica reproduz o mesmo controle cultural do corpo feminino, porém no domínio psicológico.

Na perspectiva da psicologia analítica, as normas culturais e morais atribuídas ao corpo feminino frequentemente se internalizam na psique como complexas, particularmente as relacionadas à culpa, vergonha e idealizações estéticas. Jung (2013) descreveu que os complexos funcionam como núcleos psíquicos independentes que podem dominar a consciência quando não são integrados, especialmente ao se relacionarem com conteúdos reprimidos, como a libido feminina e o desejo. Essas dinâmicas não apenas restringem o fluxo natural da energia psíquica, mas também fragmentam uma experiência corporal da mulher, alienando-a do seu próprio desejo.

A pesquisadora Rosa (2020) observa que mulheres elaboram uma autoimagem influenciada por filtros sociais internalizados, o que resulta em uma

subjetividade vulnerável e um corpo experienciado sob tensão. Cartaxo (2023) observa que a repressão incessante do desejo, da sexualidade e da autonomia corporal compromete o equilíbrio psíquico, resultando em sintomas clínicos como depressão, perturbação da autoimagem e bloqueios emocionais. Nesse contexto, reconhecer o corpo feminino como uma fonte de desejo, prazer e expressão emocional representa uma etapa fundamental do processo de individuação, conforme concebida por Jung, que se refere à realização progressiva da totalidade psíquica através da integração dos opostos e do inconsciente pessoal e coletivo.

2.2.3 O silêncio da sexualidade feminina na psicologia clássica

Ao longo da história da psicologia, a sexualidade foi identificada como um tema preponderante, especialmente a a partir das obras de Sigmund Freud. No entanto, este reconhecimento ocorreu sob uma perspectiva predominantemente masculina, que muitas vezes silenciou ou distorceu as experiências subjetivas femininas. A sexualidade feminina foi frequentemente considerada enigmática, passiva ou subordinada à masculina, como se fosse um cuidado de autonomia própria. Freud, em sua teoria do desenvolvimento psicossexual, considerava o clitóris um órgão infantil que deveria ser substituído pela vagina do processo de maturação, associando o prazer clitoriano com um estágio imaturo do desenvolvimento feminino (Freud, 1905/1996).

Essa perspectiva ajudou a patologizar uma experiência sexual feminina que não se conformava aos padrões do desejo reprodutivo ou heteronormativo. Conforme Cartaxo (2023), essa construção simbólica refletia e, simultaneamente, reforçava uma cultura patriarcal que reprimia o prazer feminino, desvalorizava o corpo da mulher como um território independente e subordinava sua sexualidade à lógica do outro. A autora enfatiza que essa atitude ressoou na clínica e na formação profissional, onde o desejo feminino se transformou em uma lacuna teórica, raramente explorada a partir das experiências reais das a partir das experiências reais das mulheres.

Na tradição psicanalítica, mesmo autoras posteriores como Luce Irigaray, Julia Kristeva e Nancy Chodorow encontraram resistência institucional. Cartaxo (2023) ressalta que muitas psicanalistas feministas que trouxeram à tona a importância do corpo, do prazer e da autonomia feminina foram marginalizadas nos debates acadêmicos e nos programas de formação. Esse silenciamento se estende

à própria prática clínica, em que a escuta das pacientes é frequentemente atravessada por julgamentos morais ou diagnósticos enviesados, especialmente em casos que envolvem sexualidade, desejo ou práticas não convencionais.

A psicologia analítica também foi influenciada por este contexto. Embora Jung tenha reconhecido a presença de arquétipos femininos significativos — como a Grande Mãe, a Anima ou o Self — sua abordagem à sexualidade feminina foi menos desenvolvida em relação a outras dimensões da psique. Em Símbolos da Transformação (Jung, 2013), o autor sugere uma expansão do conceito de libido, entendido não apenas como energia sexual, mas como uma força vital que impulsiona a psique. Entretanto, os desdobramentos clínicos da libido em relação à sexualidade feminina foram escassamente investigados em sua obra original.

No vácuo teórico, o desejo feminino permanece em um domínio ambíguo: ora considerado místico, ora perigoso ou excessivo. Cartaxo (2023) afirma que o silêncio em torno da sexualidade feminina nos modelos psicológicos tradicionais não é neutro; ele gera efeitos clínicos tangíveis, impedindo a aceitação do desejo como expressão legítima da subjetividade o silêncio em torno da sexualidade feminina nos modelos psicológicos tradicionais não é neutro; ele gera efeitos clínicos tangíveis, impedindo a aceitação do desejo como uma expressão legítima da subjetividade. O autor, portanto, defende a necessidade de uma clínica que reconheça o corpo feminino como um espaço de conhecimento, memória e linguagem, e que entenda o desejo como uma força estruturante da psique — não meramente como sintoma ou ausência.

Assim, é fundamental reexaminar criticamente as teorias clássicas à luz das experiências concretas das mulheres. A sexualidade feminina não deve mais ser relegada a uma posição marginal nos estudos psicológicos. Em contrapartida, deve ser compreendida como uma dimensão essencial da vida psíquica, particularmente no que se refere ao processo de individuação — conceito que, conforme Jung (2013), simboliza o desenvolvimento da totalidade do ser por meio da integração dos conteúdos conscientes e inconscientes, ocorrências à realização do Self.

2.2.4 Contribuições feministas e diálogo com a psicologia analítica

A inclusão das contribuições feministas na psicologia representou uma transformação epistemológica na compreensão do desejo, do corpo e da subjetividade feminina. Ao contestarem o modelo androcêntrico com ênfase nas

ciências humanas, autoras como Simone de Beauvoir (1949)**,** Bell Hooks (2000)**,** Judith Butler (2003) **e** Silvia Federici (2017) evidenciaram as diversas formas de controle sobre o corpo feminino e denunciaram o silenciamento histórico das mulheres. Esses movimentos teóricos expandiram o domínio da psicologia além da normatividade, favorecendo uma escuta mais atenta à experiência vivida pelas mulheres, incluindo o contexto clínico (LOURO, 2008; FEDERICI, 2017; BUTLER, 2003).

A psicologia analítica, embora tenha sido formulada antes das principais correntes do feminismo, fornece conceitos simbólicos importantes para abordar essas questões. A concepção junguiana de individuação — compreendida como um processo de integração dos opostos e de concretização do Self — permite considerar a sexualidade feminina não como desvio, excesso ou ausência, mas como uma força estruturante da psique. Entretanto, para que esse diálogo seja eficaz, é imperativo que os conceitos analíticos sejam reavaliados à luz das críticas feministas, visto que muitos dos arquétipos delineados por Jung foram interpretados sob uma ótica essencialista e patriarcal (JUNG, 2013; ESTÉS, 1994; CARTAXO, 2023).

A autora Clarissa Pinkola Estés (1994) propõe uma interpretação simbólica da mulher ao recuperar mitos e contos de fadas que expressam a força psíquica, instintiva e criativa do feminino. Ao exibir uma imagem de “Mulher Selvagem”, ela restitui às mulheres o direito de existir além das narrativas de passividade e sacrifício. Em consonância com essa perspectiva, autoras pós-junguianas como Marion Woodman e Toni Wolff também buscaram ampliar a compreensão do feminino além dos papéis tradicionais, abraçando a complexidade e a pluralidade das experiências femininas.

No Brasil, os esforços para incorporar as contribuições feministas à psicologia analítica ainda estão em fase de desenvolvimento. Uma revisão de escopo realizada por De Marchi, Tristão e Altoé (2024) revela que a predominância da produção junguiana nacional se concentra em temas como relacionamentos e transtornos alimentares, enquanto os debates sobre desejo, prazer e sexualidade feminina permanecem escassamente envolvidos. A ausência teórica expõe não apenas uma proteção auditiva, mas também um desafio clínico: a dificuldade em considerar a sexualidade feminina como uma dimensão legítima do processo de individuação.

2.3 Sexualidade e Individuação Feminina

2.3.1 A sexualidade como via de autoconhecimento

No âmbito da psicologia analítica, o conceito de individuação designa o processo de realização da essência pessoal, por meio de uma integração dos diversos componentes da psique — tanto conscientes quanto inconscientes — na direção à totalidade do ser. Esta jornada não é apenas racional ou espiritual; ela abrange o corpo, as emoções, os anseios e, de maneira essencial, a sexualidade. Diferentemente da abordagem reducionista que limita o desejo à função reprodutiva ou ao prazer efêmero, a sexualidade, segundo a perspectiva junguiana, é entendida como um caminho arquetípico que evoca conteúdos profundos da psique e mobiliza uma energia vital (JUNG, 2011).

A libido, conforme interpretada por Jung como energia psíquica total, não se limita à sexualidade na recepção freudiana. Ela é uma força transformadora que se revela nas diversas manifestações da alma: nos impulsos criativos, nas conexões emocionais, nas fantasias e, indubitavelmente, no desejo erótico. Nesse contexto, uma experiência da sexualidade configura-se como um meio de confronto a própria sombra, os complexos reprimidos e as imagens arquetípicas do feminino profundo, muitas vezes silenciadas ou distorcidas pelo discurso patriarcal predominante (JUNG, 2011; WHITMONT, 1990).

Ao contemplar a sexualidade feminina como um meio de individuação, é imperativo considerar a influência histórica da repressão sexual sobre as mulheres. A erotização do corpo feminino ocorreu, ao longo dos séculos, sob uma influência da moral religiosa, das normas sociais e da perspectiva médica reducionista. Conforme Cartaxo (2023) observa, essa repressão não erradicou o desejo, mas a transferência para áreas inconscientes da psique, onde passou a manifestar-se como sombra — frequentemente vinculada à culpa, vergonha ou desvalorização do próprio corpo. Portanto, o trabalho clínico destinado a acompanhar o processo de individuação da mulher deve levar em conta as marcas históricas que permeiam sua subjetividade e experiência sexual.

Vivenciar o próprio desejo, acolher o prazer e reconhecer a dimensão erótica da vida psíquica constituem não apenas um ato de liberdade, mas uma etapa essencial da individuação. Essa jornada envolve integrar o corpo ao psiquismo, resgatar a soberania sobre si mesma e legitimar o desejo como força de construção

de sentido e identidade. Santos (2024), em análise contemporânea da sexualidade sob a ótica da psicologia analítica, enfatiza que a reconciliação da mulher com sua sexualidade é um processo de cura profunda, pois mobiliza afetos recalcados, reposiciona a mulher diante do mundo e contribui para o fortalecimento do Self.

Além disso, a vivência sexual consciente tem potencial de reatualizar imagens arquetípicas do feminino. Arquétipos como Afrodite — símbolo do prazer, da estética e do poder de atração — ou a Grande Mãe — representação da nutrição e da conexão com o corpo e com a terra — são evocados quando a mulher se permite viver sua sexualidade de forma autêntica e integrada. Esses símbolos, presentes no inconsciente coletivo, funcionam como portais para a ampliação da consciência e para o reencontro com aspectos essenciais do feminino. Nesse sentido, o desejo não é visto como instância caótica ou desorganizada, mas como expressão da psique profunda que convoca a mulher a transformar-se a partir da escuta de si mesma (Franco, 2022; Jung, 2011).

A psicologia pós-junguiana tem ampliado o debate sobre a sexualidade feminina ao articular os princípios da psicologia analítica com os estudos de gênero e os desafios contemporâneos da clínica. Autoras como Clarissa Pinkola Estés (1994) e Marion Woodman (1990) oferecem caminhos simbólicos para que a mulher se reconecte com sua psique instintiva e com seu corpo vivente. Estés propõe o resgate da “mulher selvagem” como metáfora do feminino criativo e intuitivo, enquanto Woodman critica os modelos patriarcais que alienam a mulher de sua sensualidade e prazer. Essa perspectiva favorece uma reconciliação entre corpo e alma, em que o desejo não é mais visto como ameaça à ordem, mas como expressão do Self em busca de totalidade. Nesse contexto, a sexualidade deixa de constituir um fim em si mesma e passa a ser entendida como via de individuação e pertencimento.

2.3.2. Arquétipos femininos

A teoria dos arquétipos, conforme desenvolvida por Carl Gustav Jung, disponibiliza uma lente simbólica e profunda para compreender as múltiplas dimensões da psique humana. No campo da sexualidade feminina, os arquétipos exercem papel fundamental, pois representam aspectos estruturais do inconsciente coletivo, que se manifestam por meio de imagens, mitos e símbolos presentes em diferentes culturas e épocas. Os arquétipos femininos, como Grande Mãe, Afrodite e

Perséfone, traduzem dimensões do desejo, do cuidado, da transformação e da potência criadora da mulher, sendo fundamentais para o processo de individuação, que é justamente a jornada da psique rumo à totalidade (Jung, 2013).

A Grande Mãe, por exemplo, é uma das figuras arquetípicas mais centrais na psicologia analítica. Ela representa tanto o acolhimento e a fertilidade quanto a destruição e a posse — simbolizando o aspecto ambivalente do feminino. Esse arquétipo tem impacto direto na vivência da sexualidade, pois está relacionado à experiência do corpo como abrigo, nutrição, mas também como lugar de aprisionamento. Nas representações culturais, essa ambivalência pode ser vista em divindades como Deméter, que ora protege, ora controla a filha Perséfone, refletindo aspectos simbólicos da dinâmica mãe-filha e do despertar sexual na mulher (Franco; Maranhão, 2019).

Afrodite, por sua vez, é o arquétipo da sensualidade, do amor erótico e da conexão com o corpo e o prazer. Ela representa o feminino que se permite ser desejado, sedutor e livre, expressando o poder criativo do eros. Na psique feminina, a ativação do arquétipo de Afrodite possibilita uma reconexão com a energia erótica como força vital, criativa e integradora. Ao contrário de visões reducionistas que associam o prazer feminino à promiscuidade, a perspectiva junguiana revela que este arquétipo promove individuação por meio da aceitação do desejo como parte da alma feminina (Cordovil, 2015).

Já Perséfone simboliza o trânsito entre a inocência e a maturidade, sendo vista como aquela que transita entre o mundo da superfície e os reinos do inconsciente. Sua história mitológica pode ser interpretada como um rito de passagem psíquico, no qual a mulher é conduzida a confrontar suas sombras, descobre sua força interior e inicia sua própria jornada de transformação. Perséfone encarna o arquétipo da iniciação, sendo fundamental para a compreensão dos ciclos de morte e renascimento que marcam a trajetória de amadurecimento feminino (Jung, 2012; Franco, 2021).

Esses arquétipos não atuam de forma isolada, mas se entrelaçam na psique de cada mulher, surgindo com maior ou menor intensidade a depender do contexto de vida, da história familiar e das demandas internas do processo de individuação. Cada mulher carrega em si as imagens dessas deusas — algumas mais despertas, outras reprimidas — e a integração dessas potências constitui parte do processo de

construção de uma identidade que reconheça o corpo e o desejo como aspectos legítimos da alma (De Franco, 2022).

Além disso, conforme indica o artigo Psicologia Pós-Junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade, a compreensão atual dos arquétipos femininos requer uma análise crítica que considere o contexto histórico e cultural em que tais imagens emergem. Em vez de considerar esses arquétipos como moldes rígidos, uma abordagem pós-junguiana sugere entendê-los como estruturas abertas e simbólicas, que se manifestam nas experiências vividas das mulheres de maneira singular e plural (Franco; Panotto, 2021).

2.3.3. A integração dos opostos: masculino e feminino psíquicos

Na teoria junguiana, a psique humana é composta por pares de opostos que, ao longo da vida, devem ser reconciliados para que o indivíduo atinja um estado de totalidade. Um dos pares essenciais é o das polaridades anima e animus, que simbolizam o feminino na psique masculina e o masculino na psique feminina, respectivamente. Esses arquétipos não aludem a papéis de gênero rígidos, mas a estruturas psíquicas universais que manifestam qualidades como sensibilidade, intuição, racionalidade e assertividade, cuja integração promove o amadurecimento psicológico e a ampliação da consciência (De Sá e Deola, 2019).

A concepção tradicional de anima e animus, muitas vezes interpretada de forma essencialista, foi extensivamente debatida pela psicologia pós-junguiana, que sugere uma interpretação menos literal e mais dinâmica desses conceitos. A crítica contemporânea indica que uma interpretação redutora, que atribuía anima exclusivamente ao homem e o animus à mulher, distorce a concepção original de Jung. Contrariamente, Jung propôs que essas forças deveriam ser compreendidas como energias psíquicas complementares a todos os seres humanos, operando no sentido de favorecer o processo de individuação, ou seja, o processo contínuo de desenvolvimento da personalidade em direção à totalidade psíquica (JUNG, 2011).

De acordo com Jung (2012), o processo de individuação é caracterizado pela integração e reconciliação dos opostos na psique. No contexto apresentado, anima e animus não constituem uma dualidade estrita, mais sim uma tensão criativa passível de harmonização. Quando integradas, essas energias favorecem a emergência do Self — o núcleo regulador e totalizador da psique — promovendo equilíbrio, consciência expandida e maturidade emocional (Jung, 2012).

A psicologia analítica brasileira também tem contribuído para a ressignificação desses arquétipos. Autores nacionais, como Serbena (2018) e Faria (2003), destacam que o reconhecimento da presença simultânea de aspectos masculinos e femininos no psiquismo de qualquer indivíduo é essencial para a superação de dicotomias que aprisionam o sujeito em estereótipos de gênero. A integração de anima e animus permite não apenas o desenvolvimento da autonomia psíquica, mas também o acolhimento da alteridade interna — aquela parte de nós que é estranha, mas vital para nossa totalidade.

Nesse sentido, a união simbólica desses opostos, chamada por Jung de *Coniunctio (*termo emprestado da alquimia para descrever o processo psicológico de integrar elementos opostos dentro da psique, como luz e sombra), representa um casamento psíquico entre as forças complementares. Essa união alquímica não tem como finalidade a negação das diferenças, mas sim sua integração consciente, possibilitando a emergência de uma subjetividade híbrida, que transcende os binarismos e acolhe a pluralidade da experiência humana (JUNG, 2013).

A integração de anima e animus possui implicações diretas na sexualidade feminina, especialmente quando realizada de forma consciente. Mulheres que conseguem explorar e desenvolver seus aspectos "animus", como assertividade, racionalidade e capacidade decisória, não comprometem sua feminilidade, mas enriquecem sua identidade ao integrar polaridades complementares. De forma análoga, homens que se conectam com sua anima cultivam empatia, sensibilidade e uma capacidade relacional mais profunda. A psicologia analítica, ao reconhecer e integrar essas dinâmicas, propicia uma prática clínica mais complexa, ética e promotora da saúde mental (FRANCO, 2022; LIMA e FARIA, 2021).

Portanto, o eixo da integração dos opostos — longe de ser uma proposta meramente simbólica — constitui um núcleo fundamental para a teoria e prática clínica junguiana, especialmente na análise das questões de gênero e sexualidade. Reconhecer, acolher e integrar anima e animus é avançar em direção à totalidade, à liberdade interna e ao fortalecimento da subjetividade de cada mulher.

2.3.4 Eros e Logos como forças simbólicas no processo de individuação

Na psicologia analítica, Eros e Logos são considerados princípios fundamentais que estruturam diversas modalidades de interação com o mundo e com a psique individual. Eros simboliza o princípio relacional de conexão e

afetividade, tradicionalmente ligado ao feminino, enquanto Logos representa o princípio racional de discernimento, lógica e diferenciação, muitas vezes associado ao masculino. Jung destacou essa diferenciação para explicar a dinâmica entre os sexos na psique humana, bem como para indicar caminhos de desenvolvimento integral do indivíduo. (JUNG, 2011).

O processo de individuação, concebido como a trajetória em direção à totalidade psíquica, requer a integração dessas duas forças — não como opostas em antagonismo, mais como dimensões complementares da psique humana. Quando Eros e Logos atuam em sinergia, a psique adquire profundidade, extensão e equilíbrio. Em sua obra, Jung (2012) afirma que é papel do Eros unir aquilo que o Logos separa, destacando que a mulher moderna enfrenta o desafio de resgatar o princípio relacional como uma tarefa cultural que pode inaugurar uma nova era.

Pós-junguianos, como Lima e Faria (2022), revisitam esses conceitos para sugerir reflexões mais complexas e atentas à diversidade de experiências de gênero e subjetividade. De acordo com os autores, a recuperação de Eros na prática clínica e na escuta terapêutica de mulheres possibilita o reconhecimento do poder do afeto, da corporeidade e da sexualidade como vias legítimas de expressão psíquica e de produção simbólica. Isso se torna particularmente relevante na análise das experiências femininas em um contexto historicamente dominado pela supremacia do Logos patriarcal, o qual frequentemente marginaliza ou/e desvaloriza o conhecimento sensível e emocional.

É nesse sentido que Eros adquire uma função revolucionária: rompendo com a cisão artificial entre mente e corpo, pensamento e emoção, e reintegra o desejo, o erotismo e o prazer à vida psíquica. Essa reintegração é fundamental para que a mulher possa desenvolver uma identidade que não esteja reduzida aos moldes normativos da racionalidade patriarcal. Eros, então, torna-se uma força subversiva e transformadora, capaz de curar as fragmentações produzidas por uma unilateralidade excessivamente racional (Woodman, 2002; Lima e Faria, 2022).

Simultaneamente, o Logos não deve ser desconsiderado. Integrar o Logos implica aprimorar a habilidade de simbolizar experiências, estabelecer limites e conferir significado à vida interior. A presença equilibrada de Logos promove o discernimento, a clareza e a diferenciação, aspectos igualmente fundamentais do processo de individuação. A tarefa analítica consiste, portanto, em fomentar o

diálogo entre Eros e Logos na psique, equilibrando a importância do desejo e do pensamento, da emoção e da razão, do corpo e da linguagem (Franco, 2022).

Finalmente, a convergência entre Eros e Logos no processo de individuação feminina não representa apenas uma reconciliação interna de princípios arquetípicos, mas também uma crítica aos modelos rígidos de gênero que os segregam. O equilíbrio dessas forças propicia um amadurecimento subjetivo que ultrapassa dicotomias, possibilitando que a mulher contemporânea reconfigure sua narrativa existencial a partir de uma posição mais íntegra, autêntica e a partir de uma posição mais íntegra, autêntica e vital.

2.4 Trauma, Repressão e Adoecimento Psíquico

2.4.1 A repressão sexual e a formação da sombra feminina

A repressão da sexualidade feminina não é apenas uma característica sociocultural, mas uma experiência que impacta diretamente a constituição psíquica das mulheres. De acordo com a psicologia analítica, conteúdos que não podem ser expressos de forma consciente tendem a se acumular na sombra, um dos complexos mais importantes da teoria junguiana. Quando o desejo feminino é suprimido por normas patriarcais ou morais, ele não se extingue — transforma-se em impulsos inconscientes, configurando sentimento de culpa, vergonha e inadequação (JUNG, 2011; CARTAXO, 2023).

Essa repressão pode solidificar representações internas negativas da sexualidade, resultando na fragmentação da identidade feminina. Cartaxo (2023) aponta que o patriarcado, ao longo da história, impôs um silenciamento ao corpo e ao desejo feminino, resultando em estruturas psíquicas caracterizadas por profundas repressões. Na clínica, essas marcas se manifestam através de sintomas como frieza afetiva, temor do prazer ou idealizações destrutivas. O engajamento com esses conteúdos reprimidos é um passo fundamental para o processo de individuação, pois possibilita à mulher confrontar aspectos dissociados de sua psique e integrá-los de maneira consciente.

A psicologia junguiana entende que o impulso sexual contém uma energia vital (libido) que, quando reprimida, busca expressões simbólicas ou patológicas. A repressão do Eros compromete o equilíbrio interno e a capacidade transformadora da libido (JUNG, 2012). No caso das mulheres, essa repressão está intimamente ligada à desvalorização cultural do prazer feminino, o que compromete a conexão

com instintos saudáveis e provoca sofrimento psíquico duradouro (WOODMAN, 2002).

Finalmente, o artigo “Despertando os aspectos saudáveis da psique feminina” indica que a divisão entre o desejo e a consciência feminina, fomentada do patriarcado, obstrui o acesso da mulher a seus aspectos instintivos e criativos, dificultando o desenvolvimento do Self (REASE, 2024). O reconhecimento dessa sombra cultural e pessoal é fundamental para restaurar a dignidade da psique feminina e reconfigurar o papel do desejo como uma força integradora.

2.4.2 Impactos psíquicos dos traumas sexuais

Os traumas sexuais uma das formas mais profundas e persistentes de lesão psíquica, especialmente quando vivenciados na infância ou adolescência. De acordo com a psicologia analítica, esses traumas são frequentemente reprimidos no inconsciente, onde núcleos independentes de afeto e memória — os complexos — que afetam comportamentos, emoções e percepções. A sexualidade, nesse contexto, configura-se como um domínio de conflitos internos, caracterizado por culpa, medo, dissociação ou hiperssexualização como estratégia de defesa (CHAVES; SANTOS, 2023).

A literatura clínica indica que mulheres que vivenciaram abuso sexual têm uma maior predisposição a transtornos como ansiedade, depressão, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e distúrbios dissociativos (BIRMAN, 2021; SANTOS, 2023). Além disso, essas experiências podem influenciar a autoimagem, resultando na fragmentação da identidade, na dificuldade de formar vínculos afetivos saudáveis e na repressão do desejo como uma expressão legítima da subjetividade. A psique, ao buscar se resguardar do sofrimento, fragmenta-se, prejudicando o desenvolvimento integral da personalidade e do processo de individuação.

Joel Birman (2016) enfatiza que os efeitos do trauma são exacerbados pelas normas sociais que silenciaram a vítima e pela patologização da sexualidade feminina, que relegam a mulher a uma posição de passividade ou culpa. A experiência traumática é frequentemente acompanhada por um sentimento de inadequação e vergonha, que obstaculiza a elaboração simbólica e favorece a geração inconsciente de padrões abusivos ou autodepreciativos. Conforme enfatizamos o artigo “Autoimagem da mulher na clínica psicanalítica contemporânea” (2024), o corpo feminino deixa de ser um espaço de expressão e se

converte em um palco de dor, censura e repressão, ostentando marcas visíveis e invisíveis da violência experimentada.

É essencial que o ambiente clínico promova a recuperação da dignidade subjetiva da mulher, validando e simbolizando o seu sofrimento. A repressão da dor e da sexualidade não processada mantém a mulher alienada de aspectos essenciais de sua identidade. A integração do trauma, nesse contexto, não implica em esquecê-lo, mas em descobrir narrativas internacionais que conferem novo significado à experiência, facilitando a cicatrização simbólica e a reintegração do Self (SANTOS, 2023).

2.4.3 Relação entre trauma, inconsciente coletivo e arquétipos

A psicologia analítica verifica que os traumas individuais se registram não apenas no inconsciente pessoal, mas também no inconsciente coletivo. Arquétipos como ele da “vítima”, da “bruxa” ou da “mulher sedutora” contêm símbolos culturais que tanto reforçam quanto permitem a produção de experiências traumáticas. Esses símbolos emergem espontaneamente em sonhos, imaginação ativa e expressões criativas, servindo como conexões entre o trauma e seu potencial de integração (JUNG, 2011; JACOBI, 2013).

Conforme o artigo "Desconstruindo normas tradicionais de gênero", a utilização de imagens arquetípicas na clínica possibilita que os pacientes ressignifiquem suas experiências traumáticas por meio de figuras como a “Grande Mãe” (acolhimento) ou o “Herói” (força e superação) (SANTOS, 2023). Esse processo simbólico concede acesso à camada profunda do sofrimento, onde o trauma pode ser reintegrado à psique por meio de novos significados e narrativas restaurativas a camada profunda do sofrimento, onde o trauma pode ser reintegrado à psique por meio de novos significados.

Além disso, o trauma coletivo — caracterizado por eventos históricos como a caça às bruxas, o silenciamento das mulheres e a repressão sexual — configura o imaginário feminino de forma arquetípica. Uma análise de símbolos culturais e mitológicos revela que numerosos traumas não são apenas individuais, mas também estruturais, sendo transmitidos de geração em geração (NEUMANN, 1995; WHITMONT, 1990). A mulher contemporânea, portanto, suporta aflições que transcendem sua narrativa pessoal.

Na clínica, essa compreensão expande o âmbito terapêutico: o sofrimento do paciente não é isolado, mas ressoa em uma matriz arquetípica comum. A individuação, neste contexto, envolve a conscientização dessas heranças e sua ressignificação com base na própria trajetória. Conforme Whitmont (1990) afirma, “todo sofrimento psíquico contém em si uma imagem de cura”; o desafio reside em identificar e dialogar com essa imagem.

2.4.4 Caminhos de elaboração simbólica na clínica junguiana

A psicologia analítica verifica que os conteúdos traumáticos, especialmente os de natureza sexual, não se dissipam unicamente por meio da verbalização racional. É necessário acessar o inconsciente por meio de vias simbólicas — imagens, mitos, sonhos e fantasias — que facilitam uma elaboração profunda desses conteúdos. Nesse contexto, uma imaginação ativa, método elaborado por Jung, sugere um diálogo direto com os símbolos internos, possibilitando que a psique se manifeste de maneira criativa o que foi reprimido ou dissociado (JUNG, 2012; FRANCO, 2022).

Na clínica junguiana, práticas como análise de sonhos, imaginação ativa, uso de mandalas, arte -terapia e amplificação simbólica são instrumentos essenciais para facilitar a reintegração dos fragmentos psíquicos. De acordo com Eliane Penna (citado em FRANCO, 2022), esses instrumentos auxiliam na construção de significados para o que não poderia ser verbalizado durante o trauma, promovendo uma individuação. Quando o trauma é simbolicamente processado, uma energia psíquica anteriormente estagnada nos complexos pode ser ativada para o desenvolvimento e a metamorfose da personalidade.

Santos (2023), ao analisar os aspectos de saúde da psique feminina, sustenta que o trabalho terapêutico deve abranger os níveis arquetípicos da experiência feminina. Arquétipos como a Grande Mãe, a Deusa Ferida e a Mulher Selvagem simbolizam a dor, a cura e a potência feminina. Quando essas imagens são evocadas na mente do paciente, geram experiências catárticas e reconstrutivas, restabelecendo a conexão com o próprio corpo, desejo e potência.

Um conceito pertinente é o da “imaginação encarnada” — uma atualização do método da imaginação ativa — que, conforme autores pós-junguianos, tem demonstrado eficácia notável em contextos de traumas vinculados à sexualidade e ao gênero. Este processo possibilita a manifestação do símbolo no corpo por meio

da dança, do desenho, do canto ou da escrita criativa, promovendo uma integração entre corpo e psique e estabelecendo um espaço terapêutico onde a dor pode ser transformada em expressão (FRANCO, 2022; SANTOS, 2023; BIRMAN, 2021).

Assim, na clínica junguiana, uma elaboração simbólica do trauma transcende um mero recurso técnico, configurando-se como um meio de restauração do sentido e do pertencimento. Através da linguagem simbólica, o paciente pode transcender o papel de “vítima do trauma” e se tornar autor de sua narrativa psíquica — num processo fundamental para uma individuação.

2.5 Sexualidade, Bem Estar e Clínica Contemporânea

2.5.1 A sexualidade feminina como promotora de qualidade de vida

A sexualidade, como uma dimensão fundamental da subjetividade humana, transcende os limites da simples função reprodutiva ou do prazer efêmero. Na psicologia analítica, o erotismo está ligado à energia psíquica que impulsiona a psique em direção à totalidade, constituindo um elemento essencial do processo de individuação. A sexualidade plenamente vívida, especialmente pela mulher, constitui um aspecto essencial da saúde mental, pois permite o acesso a desejos, afetos, limites e potenciais que moldam uma identidade e uma autoconsciência (JUNG, 2011; LIMA; FARIA, 2021).

As repressões históricas e culturais que afetam a sexualidade feminina frequentemente resultam em distorções da autoimagem, baixa autoestima e dificuldades de desenvolvimento emocional. De De acordo com o estudo de Lima (2012), mulheres que vivenciaram o abandono afetivo ou a repressão de seus impulsos naturais demonstraram dificuldades em integrar os aspectos somáticos e simbólicos da sexualidade em suas vidas, o que afeta diretamente sua saúde mental. A ausência de acesso a experiências eróticas autênticas, aliada à estigmatização do prazer feminino, resulta em condições clínicas como depressão, ansiedade e insatisfação corporal (AUTOIMAGEM DA MULHER, CLÍNICA, 2023).

Conforme a literatura clínica contemporânea, uma vivência sexual saudável fortalece a autoestima, o senso de agência e a qualidade das relações interpessoais. Chaves e Santos (2023) enfatizam que a sexualidade deve ser interpretada como uma expressão da alma, que transmita necessidades emocionais profundas e fomente conexões pessoais e com os outros. Quando experimentada em liberdade e com consciência, ela se converte em um veículo de autorrealização, permitindo à

mulher reconfigurar sua narrativa corporal e afetiva dentro de um espaço simbólico de poder.

A psicologia pós-junguiana, particularmente nas obras compiladas por Franco (2022), argumenta que o corpo feminino deve ser reconhecido como um espaço legítimo de conhecimentos e expressões subjetivas. A escuta terapêutica que permite a complexidade da experiência sexual feminina facilita a reintegração dos aspectos dissociados da psique, permitindo a elaboração de narrativas mais saudáveis sobre o eu. A reintegração regular o desejo não como uma ameaça à moralidade ou à estabilidade, mas como um princípio arquetípico de transformação e renovação.

Assim, uma sexualidade integrada à a vida psíquica expande os horizontes da mulher em relação à sua potência existencial. O erotismo transcende a vergonha e os tabus, tornando-se um meio legítimo para a individuação. Em vez de ser considerado um risco ou desvio, o prazer é recontextualizado como um meio de bem-estar, autocompreensão e integração da alma. Neste contexto, é importante que a clínica contemporânea aborde a temática da sexualidade com ética, respeito e sensibilidade, criando um ambiente seguro para que as mulheres se reconectem de maneira consciente e libertadora com seus desejos, afetos e corpos.

2.5.2 A escuta clínica sensível às demandas femininas

A escuta clínica na psicologia analítica requer uma postura de acolhimento aos conteúdos emergentes do inconsciente; no entanto, ao abordar as experiências femininas, essa escuta exige um posicionamento ético em relação aos atravessamentos históricos, sociais e simbólicos que configuram o sofrimento psíquico das mulheres. A clínica junguiana deve atentar-se aos efeitos da repressão do desejo, da sexualidade e das experiências corporais, registrando que o silêncio sobre essas questões tem origens do patriarcado e se manifesta em complexos culturais internalizados (FRANCO, 2022; CARTAXO, 2023).

De acordo com Lima e Faria (2021), a clínica deve proporcionar um ambiente onde as mulheres possam explorar e processar seus conteúdos eróticos sem medo de julgamento, facilitando a reintegração de aspectos dissociados do Self. Esse cuidado abrange não apenas uma escuta do conteúdo verbal, mas também os sinais corporais, os silêncios e as fantasias que revelam a presença da sombra associada à mulher reprimida. A escuta da sexualidade feminina não deve ser neutra nem

moralista. Ela deve levar em conta o contexto de vulnerabilidade histórica no qual o desejo feminino foi frequentemente silenciado, patologizado ou dissociado de sua subjetividade.

As contribuições de autores como Marion Woodman e Clarissa Pinkola Estés evidenciam que o corpo feminino contém uma sabedoria simbólica que deve ser considerada na prática clínica. A escuta atenta permite que as mulheres identifiquem seus limites, suas aflições e suas potencialidades, recuperando narrativas subjetivas silenciadas pela cultura. Santos (2023) afirma que a clínica analítica, quando focada nas experiências das mulheres, facilita o reconhecimento do erotismo como meio de cura, reconexão com o corpo e expressão de autenticidade. A sexualidade é compreendida não apenas como comportamento, mas como uma dimensão do Ser.

A produção de conhecimentos pós-junguianos, conforme delineado por Franco (2022), enfatiza a relevância de uma clínica interseccional que leva em conta raça, classe, gênero e orientação sexual como dimensões que permeiam o sofrimento psíquico e requerem uma abordagem sensível e politicamente engajada. Um aspecto crucial da escuta clínica direcionada a mulheres é o reconhecimento da diversidade de experiências sexuais e identitárias. A psicologia analítica contemporânea enfrenta o desafio de reavaliar categorias normativas, incorporando as diversas experiências de gênero e desejo.

Por fim, a escuta clínica das mulheres deve ser compreendida como uma escuta de resistência. É escutar aquilo que foi silenciado por séculos: a linguagem do corpo, o grito do desejo, a poesia do instinto. Essa escuta reconhece que o adoecimento psíquico não é apenas individual, mas muitas vezes socialmente construído e mantido. Ao oferecer um espaço seguro para que a mulher possa expressar sua sexualidade com dignidade, a clínica junguiana atualiza seu compromisso com a transformação subjetiva e simbólica, reafirmando o valor do desejo como potência vital e do corpo como morada do Self.

2.5.3 Perspectivas contemporâneas

As contribuições de autoras vinculadas à psicologia analítica e à sua vertente pós-junguiana vêm ampliando de forma significativa a compreensão da sexualidade feminina como dimensão simbólica, arquetípica e experiencial do psiquismo. Ao resgatar a potência do erotismo, do desejo e da vitalidade, essas perspectivas abrem espaço para escutas mais sensíveis e integrativas na clínica contemporânea.

Clarissa Pinkola Estés (2014), em sua obra “Mulheres que correm com os lobos”, apresenta a figura da Mulher Selvagem como representação do arquétipo que habita o inconsciente coletivo feminino. Para Estés, essa figura ancestral, conectada à natureza, à intuição e à liberdade, foi sistematicamente reprimida pela cultura patriarcal. Ao narrar mitos e histórias de diversas tradições, a autora propõe que o reencontro com esse arquétipo seja um caminho de cura, permitindo que a mulher resgate sua potência instintiva, criativa e erótica. A sexualidade, nesse contexto, não se limita ao ato sexual, mas abrange toda forma de expressão vital, desejo e vínculo com a alma. Essa visão resgata a função da libido como energia psíquica transformadora, impulsionadora da individuação feminina.

Marie-Louise von Franz, uma das principais colaboradoras de Jung, contribuiu para reforçar a relevância da integração dos conteúdos inconscientes, especialmente no que tange aos aspectos obscuros da sexualidade. Conforme a autora, o erotismo feminino pode se evidenciar nos sonhos por meio de imagens que simbolizam o processo de individuação e a ativação da psique criativa. Na análise simbólica que realiza dos contos de fadas, von Franz (2000) registra a trajetória da heroína como um caminho de reconciliação entre opostos internos — razão e emoção, impulso e contenção, Eros e Logos— essencial para o desenvolvimento psíquico. A sexualidade se configura como um espaço privilegiado para essa integração, sendo capaz de mobilizar conteúdos profundos que colaboram na transição de estados psíquicos fragmentados para formas de existência mais coesas.

Verena Kast (2018), por sua vez, trabalha com a ideia de que os impulsos eróticos estão ligados à imaginação, à criatividade e ao sentido de vida. A autora enfatiza que, ao invés de serem reprimidos ou patologizados, os desejos precisam ser compreendidos como expressões legítimas da psique. Em seu livro *“*A Sombra em Nós”*,* Kast propõe que o erotismo feminino deve ser acolhido no espaço terapêutico, pois está diretamente relacionado à vitalidade e à realização interior. Ela defende uma escuta que reconheça o sofrimento causado pela cisão entre corpo e psique, especialmente em mulheres que cresceram em ambientes moralmente restritivos ou punitivos em relação ao prazer. Nesse sentido, o trabalho terapêutico deve possibilitar a elaboração simbólica de experiências de repressão, abrindo caminho para uma vivência mais plena e integrada da sexualidade.

A interseção entre essas autoras revela um eixo comum: a sexualidade como força psíquica promotora de sentido, cura e individuação. Tal perspectiva contribui para uma prática clínica que ultrapassa os binarismos tradicionais — entre instinto e razão, corpo e mente — e reconhece a complexidade do feminino. Ao trabalhar com símbolos, mitos e imagens do inconsciente, essas abordagens não apenas ampliam o repertório da psicologia analítica, como também tornam possível uma escuta mais humanizada, sensível e ética da experiência sexual das mulheres.

Assim, o diálogo com Estés, von Franz e Kast convida à superação de modelos reducionistas da sexualidade. No lugar da medicalização, da moralização ou da objetificação, essas autoras propõem um olhar que compreende o erótico como dimensão sagrada, criativa e transformadora da psique feminina — capaz de conduzir ao centro do Self e possibilitar a reconciliação da mulher consigo mesma e com seu desejo.

2.5.4 Estudos recentes sobre sexualidade e saúde mental (2020–2025)

A produção científica no Brasil, entre 2020 e 2025, demonstra um interesse crescente pela intersecção entre a sexualidade feminina e a saúde mental. Chaves e Santos (2023) afirmam que a psicologia analítica tem sido empregada em várias investigações para analisar as interseções entre libido, repressão, subjetividade e bem-estar na experiência feminina. No contexto apresentado, a sexualidade é entendida não apenas como uma função biológica ou um desafio clínico, mas como um componente significativo na formação da identidade, no fortalecimento da Eu e no avanço do processo de individuação.

Um dos focos emergentes é a compreensão da sexualidade como um fator protetor da saúde mental. Pesquisas, como a de Oliveira e Machado (2021), que investigam a autoimagem e a autoestima das mulheres na sociedade, demonstram que uma vivência sexual saudável pode atenuar problemas de baixa autoestima e despersonalização. A repressão do prazer e a vergonha corporal são reconhecidas como fatores de risco para o desenvolvimento de sintomas depressivos, dissociativos e transtornos de ansiedade. No contexto apresentado, uma abordagem junguiana, que considera o desejo como uma energia vital da psique, revela-se relevante para expandir uma perspectiva clínica sobre essas demandas.

Um aspecto discutido na produção contemporânea é uma crítica à desumanização da sexualidade feminina nos discursos biomédicos e morais. O

artigo de Cartaxo (2023) intitulado “A influência do patriarcado na relação da mulher com seu próprio corpo” examina a patologização da sexualidade feminina ao longo da história e sugere a revalorização da sexualidade como uma experiência afetiva, criativa e legítima. Esta abordagem tem sido integrada em práticas clínicas focadas na escuta atenta do sofrimento feminino, particularmente em situações de trauma sexual, repressão erótica e violência simbólica.

A escuta clínica foi comprovada em estudos que relacionam gênero, cuidado e espiritualidade na prática terapêutica. Franco e Maranhão (2019) enfatizam a relevância de uma escuta que reconheça a diversidade de experiências e modos de expressão do desejo feminino, incluindo sua dimensão simbólica. Os achados estão em consonância com a proposta de uma clínica ampliada, que integra o corpo, a imaginação, os afetos e os símbolos como componentes essenciais do cuidado psíquico.

Por último, é relevante salientar os progressos no diálogo entre a psicologia analítica e o feminismo contemporâneo. De acordo com Franco (2022), a psicologia junguiana foi reinterpretada sob a perspectiva da pluralidade de gênero e da sexualidade, estabelecendo um paradigma clínico mais sensível e transformador. A sexualidade, neste novo contexto, é entendida como um domínio de produção de significado e potência, fundamental para a saúde mental da mulher e sua trajetória de individuação.

3 METODOLOGIA CIENTÍFICA

3.1 Tipo de Estudo

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e de delineamento bibliográfico, fundamentada em referenciais teóricos da Psicologia Analítica e em estudos contemporâneos sobre sexualidade feminina**,** individuação **e** saúde mental**.**

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca compreender significados, valores e representações que atravessam as experiências humanas, sendo indicada quando o objeto de análise envolve dimensões simbólicas e subjetivas. Para Gil (2008), a pesquisa bibliográfica consiste na análise de materiais já publicados, como artigos, livros e dissertações, com o objetivo de ampliar o conhecimento teórico e proporcionar uma reflexão crítica sobre o tema estudado.

O processo metodológico seguiu uma lógica adaptada do protocolo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses)**,** conforme Page et al. (2021), aplicada de maneira qualitativa e interpretativa. Essa adaptação teve como propósito garantir transparência e rastreabilidade nas etapas de identificação, triagem, seleção e síntese dos estudos revisados.

3.2 Fontes de Dados

A pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamento nas principais bases de dados científicas reconhecidas nacional e internacionalmente nas áreas de Psicologia, Ciências Humanas e Saúde, a saber:

- SciELO (Scientific Electronic Library Online)
- PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia)
- Biblioteca Virtual em Saúde – BVS Psicologia
- PubMed (U.S. National Library of Medicine)
- Google Acadêmico (Google Scholar)

Essas plataformas foram selecionadas por reunirem periódicos indexados e revisados por pares, com ampla cobertura de temas relacionados à Psicologia

Analítica, à sexualidade feminina e aos estudos sobre individuação e subjetividade. Também foram consultados repositórios institucionais e artigos de acesso aberto que contribuíram para complementar o corpus teórico.

O levantamento incluiu autores clássicos e contemporâneos, entre eles Jung (2000, 2011, 2013), von Franz (2000), Kast (2018), Cartaxo (2023), Chaves e Santos (2023), Franco (2022), Freire e Bertoldo (2023) e Rease (2024), permitindo um diálogo entre a teoria junguiana e as produções atuais sobre o feminino e a sexualidade.

3.3 Critérios de Inclusão e Exclusão

Os critérios de inclusão foram definidos para assegurar a consistência e relevância científica do material analisado, sendo incluídos:

a) artigos publicados entre 2015 e 2025, com possibilidade de uso de obras clássicas;

b) textos redigidos em português, inglês ou espanhol;

c) publicações disponíveis integralmente em formato digital;

d) estudos com foco em Psicologia Analítica, sexualidade feminina, individuação e saúde mental**;**

e) materiais oriundos de periódicos qualificados entre os estratos Qualis A1 a B2**.**

Foram excluídos os trabalhos que:

a) não abordavam diretamente o tema proposto;

b) apresentavam baixo rigor metodológico ou teórico;

c) correspondiam a textos de opinião, sem respaldo científico;

d) estavam duplicados nas bases consultadas.

Esses critérios visaram garantir coerência teórica, atualidade e credibilidade acadêmica, atendendo às recomendações de Minayo (2001) e Gil (2008) sobre pesquisas qualitativas de base documental.

3.4 Estratégia de Busca

A busca foi realizada entre agosto e outubro de 2025, utilizando descritores controlados e operadores booleanos (AND/OR), ajustados a cada base de dados. Os principais descritores empregados foram:

- “sexualidade feminina” AND “psicologia analítica”;

- “individuação” AND “arquétipos junguianos”;
- “libido” AND “repressão sexual”;
- “autonomia feminina” AND “saúde mental”;
- “escuta clínica” AND “psicologia do feminino”.

O processo de triagem seguiu as etapas adaptadas do protocolo PRISMA (Page et al., 2021)**,** estruturadas da seguinte forma:

- Identificação: busca inicial de artigos nas bases científicas.
- Triagem**:** exclusão de duplicatas e leitura de títulos e resumos.
- Elegibilidade**:** leitura integral dos textos selecionados.
- Inclusão final: seleção dos estudos que atenderam aos critérios definidos.

Essa metodologia possibilitou uma revisão sistematizada e transparente, garantindo a rastreabilidade das decisões tomadas durante o processo de seleção.

3.5 Análise dos Dados

Os dados obtidos foram analisados por meio da análise de conteúdo temática, conforme Bardin (2016) e Minayo (2001). O material foi submetido a leitura exploratória, seletiva e interpretativa, permitindo a categorização de ideias e conceitos recorrentes.

As publicações foram agrupadas em quatro categorias temáticas principais**:**

a) Sexualidade feminina como expressão simbólica do inconsciente coletivo (Jung, 2013; Chaves e Santos, 2023);

b) Repressão sexual e implicações psíquicas na mulher contemporânea (Cartaxo, 2023; Federici, 2017; Foucault, 1988);

c) Arquétipos femininos e processo de individuação (von Franz, 2000; Kast, 2018; Estés, 2014);

d) Escuta clínica e autonomia subjetiva (Franco, 2022; Freire e Bertoldo, 2023; Rease, 2024).

Essa categorização possibilitou uma análise interpretativa capaz de integrar os fundamentos simbólicos da psicologia analítica às reflexões atuais sobre o feminino e a subjetividade, resultando em uma compreensão mais ampla dos processos de individuação e expressão da sexualidade.

3.6 Síntese e Apresentação dos Resultados

A síntese dos dados foi organizada conforme os princípios do protocolo PRISMA adaptado, assegurando clareza, coerência e transparência metodológica. Os resultados foram agrupados segundo as categorias temáticas e são apresentados no capítulo seguinte (Resultados e Discussão), de forma descritiva e interpretativa.

A integração entre autores clássicos e contemporâneos permitiu evidenciar as convergências teóricas que sustentam a compreensão da sexualidade feminina como elemento estruturante do processo de individuação e como manifestação simbólica do inconsciente coletivo.

O fluxograma abaixo ilustra as etapas de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos considerados na presente revisão bibliográfica, conforme o modelo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses).

A aplicação desse protocolo, ainda que de forma adaptada para abordagens qualitativas, assegura transparência e rigor metodológico nas etapas de busca, seleção e análise das produções científicas. Esse processo possibilitou a construção de um corpus teórico consistente, alinhado à proposta de investigação sobre a sexualidade feminina e o processo de individuação sob a ótica da Psicologia Analítica.

Gráfico 1 – Fluxograma PRISMA adaptado para o processo de seleção dos estudos

Fonte: Própria (2025)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Síntese Crítica dos Eixos Teóricos

A revisão teórica atual demonstrou que, apesar de a sexualidade feminina ser uma dimensão intrínseca da experiência humana, sua compreensão na psicologia ainda necessita de abordagens mais aprofundadas que considerem sua complexidade psíquica, histórica e simbólica. Ao longo dos cinco eixos norteadores deste estudo, evidencia-se que o desejo, o prazer e a energia sexual feminina permanecem, em diversos contextos clínicos e sociais, submetidos a repressões, estigmas e idealizações que geram sofrimento e dificultam o desenvolvimento psicológico.

No primeiro eixo, que apresentou os conceitos fundamentais da psicologia analítica, destacou-se a concepção de libido em Jung como energia psíquica vital e criativa, superando a noção estritamente sexual proposta por Freud (Jung, 2012). O arquétipo do Self, entendido como totalidade psíquica, é atingido por meio da individuação — processo no qual a integração dos opostos, incluindo instinto e razão, anima e animus, é essencial (Jung, 2011). A sexualidade, nesse contexto, surge não apenas como impulso, mas como veículo de expressão do inconsciente e da realização pessoal. O feminino, quando integrado com sua potência criativa, oferece uma via para a reconexão com dimensões arquetípicas profundas, conforme salientado por autores pós-junguianos como Estés (1994), Kast (2009) e Woodman (2002), que ampliaram essa visão para além dos aspectos biológicos.

No segundo eixo, ao discutir a repressão histórica da sexualidade feminina, foram examinados os mecanismos pelas quais religiões patriarcais, moralismos sociais e discursos biomédicos estabeleceram o controle sobre o corpo da mulher (Foucault, 1988; Federici, 2017). O corpo feminino tornou-se um espaço de dominação e disciplina, uma aparência que se reflete na subjetividade feminina como temor do prazer, dissociação corporal, baixa autoestima e falta de escuta clínica comprometida (Cartaxo, 2023; Oliveira, 2023). A psicanálise clássica, conforme proposta de Freud, foi alvo de críticas de autoras feministas por

desconsiderar a singularidade da experiência erótica feminina e por patologizar certas manifestações de desejo (Beauvoir, 1949; Rosa, 2020).

O terceiro eixo proporcionou uma reviravolta teórica significativa ao considerar a sexualidade como um meio legítimo para o processo de individuação. Através da articulação com arquétipos femininos — como a Grande Mãe, Afrodite e Perséfone —, foi viável recuperar imagens psíquicas que representam os diversos aspectos da sexualidade feminina: instintiva, afetiva, mística e criativa (Johnson, 1991; Von Franz, 1993). A presença de Eros, como princípio relacional e amoroso, também se manifesta como um aspecto essencial da saúde psíquica, em contraste com a predominância do Logos, racional e patriarcal, que historicamente regula o erotismo segundo normas morais e produtivistas (Jung, 2011; Estés, 1994).

O eixo quatro se debruçou sobre os traumas sexuais e suas repercussões na psique feminina. Os traumas são entendidos não apenas como eventos isolados, mas como experiências coletivas e transgeracionais que se registram na memória do corpo e da alma (KAST, 2009; BIRMAN, 2021). Repressões, violências simbólicas e sexuais, silenciamentos e idealizações específicas do conteúdo da sombra feminina, que representam o aspecto da psique que é renegado, excluído ou não desenvolvido. A negação pode resultar em sintomas como ansiedade, depressão, transtornos alimentares e bloqueios afetivos (Despertando, 2022). A clínica junguiana oferece ferramentas como a análise de sonhos, a imaginação ativa e o uso de símbolos arquetípicos para resgatar e integrar conteúdos reprimidos, promovendo a permanência da identidade e o fortalecimento do Self(Jung, 2012; Franco, 2022).

Por último, o eixo cinco sistematizou estudos acerca da função da sexualidade na promoção do bem-estar psicológico. A vivência plena do desejo feminino, isenta de censuras internas e sociais, está associada à saúde emocional, à autoestima e à qualidade das relações interpessoais (Chaves; Santos, 2023; Freire; Bertoldo, 2023). A escuta clínica que atende às demandas do feminino requer a exclusão de discursos moralizantes, promovendo uma escuta ética, simbólica e emancipatória. Autores como von Franz (1993) e Estés (1994) argumentam que uma mulher que explora sua sexualidade como uma potência simbólica pode viver de maneira mais íntegra, consistente e conectada ao seu processo de individuação.

4.2 Comparação entre Clássicos e Pesquisas Recentes

A articulação entre as obras clássicas da psicologia analítica — sobretudo de Jung, Marie-Louise von Franz e Verena Kast — e as produções acadêmicas recentes (2015–2025) evidencia uma convergência teórica significativa no que diz respeito à importância da sexualidade como via de expressão da psique e como elemento fundamental do processo de individuação. No entanto, também revela avanços epistemológicos, sobretudo nas formas de abordagem do feminino, da corporeidade e da clínica voltada às experiências subjetivas das mulheres.

Jung (2011) compreendia a sexualidade não apenas como pulsão instintiva, mas como expressão da libido, entendida como energia vital com múltiplas possibilidades de manifestação — incluindo as esferas afetiva, criativa e espiritual. Essa visão já se mostrava inovadora ao relativizar a centralidade da genitalidade como única forma de expressão do desejo, ao contrário de Freud, que concebia a sexualidade de maneira mais restrita ao campo pulsional e biológico (Freud, 1905). Jung enfatizou que o desejo deveria ser compreendido dentro de um processo mais amplo de integração do inconsciente e de maturação psíquica, onde símbolos, arquétipos e narrativas pessoais teriam papel determinante.

Von Franz (1993), ao analisar os contos de fadas, os mitos e as narrativas simbólicas da alma feminina, aprofundou a proposta junguiana ao investigar como a sexualidade aparece no imaginário coletivo e como pode ser trabalhada terapeuticamente. A autora foi uma das primeiras intérpretes do pensamento de Jung a inserir o erotismo feminino dentro do campo clínico, tratando-o como força estruturante do feminino, e não apenas como sintoma ou função reprodutiva. Verena Kast (2009) contribuiu com reflexões sobre o trauma, o desejo e o sofrimento psíquico relacionados à sexualidade reprimida, propondo que os sintomas psicológicos nas mulheres, frequentemente derivam de uma cisão entre corpo e psique causada por repressões culturais.

Ao comparar esses fundamentos com os achados das pesquisas contemporâneas, nota-se que as abordagens atuais aprofundam e atualizam tais perspectivas, especialmente ao incorporar os estudos de gênero, as críticas feministas e os atravessamentos sociais e históricos da sexualidade. Estudos como o de Freire e Bertoldo (2023), por exemplo, abordam a psicologia pós-junguiana como campo fértil para pensar a subjetividade feminina de forma mais plural,

incorporando questões como o trauma sexual, a exclusão histórica da mulher do campo simbólico e a potência erótica como via de individuação.

A produção recente também aponta para a necessidade de ressignificar conceitos clássicos sob a perspectiva das experiências das mulheres contemporâneas. Cartaxo (2023), ao discutir a influência do patriarcado na construção da autoimagem feminina, argumenta que o controle histórico sobre o corpo da mulher gerou uma fragmentação subjetiva que compromete o processo de individuação. Essa fragmentação — já apontada por Jung como resultado da negação dos conteúdos inconscientes — ganha contornos mais precisos nos estudos atuais, que evidenciam como o recalque da sexualidade feminina se expressa em sintomas clínicos diversos, como depressão, ansiedade, transtornos alimentares e bloqueios afetivos (Chaves; Santos, 2023).

Outro ponto de relevante é a valorização da escuta clínica ampliada, uma proposta que dialoga com a visão junguiana de escutar o inconsciente por meio de símbolos e sonhos, mas que, nos estudos recentes, é associada à escuta do corpo, da cultura e da história individual das pacientes. Franco (2022) e De Sá e Deola (2022) reforçam que, para a clínica junguiana continuar sendo relevante, é necessário atualizar seus referenciais simbólicos e abrir-se para a escuta das múltiplas expressões da subjetividade feminina, inclusive aquelas que não cabem nas narrativas arquetípicas tradicionais.

Em síntese, pode-se afirmar que há uma continuidade entre os fundamentos clássicos da psicologia analítica e as pesquisas atuais sobre sexualidade feminina, especialmente na valorização do desejo como força psíquica estruturante. Contudo, os estudos contemporâneos aprofundam a crítica social e propõem uma clínica mais atenta às experiências históricas, políticas e culturais que atravessam o corpo e a psique da mulher. Essa intersecção entre tradição e atualização epistemológica enriquece o campo da psicologia analítica e favorece a construção de práticas clínicas mais éticas, sensíveis e transformadoras.

4.3 Limitações do Estudo

Toda produção científica, especialmente ao investigar dimensões complexas da subjetividade humana, apresenta limites metodológicos e epistemológicos que devem ser claramente explicitados. A presente pesquisa, de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica e exploratória, fundamenta-se na análise de obras

clássicas da psicologia analítica e em produções acadêmicas contemporâneas publicadas entre 2015 e 2025. Consequentemente, existem limitações que devem ser compreendidas.

Primeiramente, é fundamental ressaltar que, sendo um estudo bibliográfico, os dados apresentados não resultam de observações empíricas diretas, entrevistas ou análises de casos clínicos. Isso sugere que as interpretações da sexualidade feminina, sua repressão histórica, os efeitos psíquicos do trauma e sua conexão com o processo de individuação foram elaboradas com base na análise e confronto de teorias previamente formuladas. Conforme Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é essencial para o progresso do conhecimento teórico, mas não pode substituir uma investigação empírica, especialmente em áreas tão subjetivas como a clínica psicológica.

Uma outra limitação refere-se à utilização da psicologia analítica como referência central. No entanto, é fundamental considerar que essa tradição teórica apresenta limitações em relação à diversidade das experiências femininas. Pesquisadoras como Cartaxo (2023) e Franco (2022) destacaram que a psicologia analítica, devido à sua origem em um contexto patriarcal, requer uma atualização contínua de seus conceitos, o que foi parcialmente abordado nesta análise por meio da inclusão de autoras feministas e estudos de gênero. Entretanto, o campo ainda apresenta uma insuficiência de representatividade de representações não ocidentais, negras, indígenas, trans e de outras expressões do feminino, o que poderia aprofundar uma análise.

Além disso, a ênfase nas experiências femininas pode, em certos momentos, resultar em uma homogeneização de vivências que, na verdade, são diversas, contextuais e interseccionais. A noção de “feminino”, conforme proposta na literatura contemporânea (LIMA; FARIA, 2022), deve ser comprovada em relação aos marcadores sociais da diferença, incluindo classe, raça, orientação sexual e identidade de gênero. Embora este estudo tenha procurado abordar essas nuances por meio da seleção cuidadosa de fontes, a delimitação metodológica impede uma análise abrangente de todas essas camadas.

A noção de sexualidade como via simbólica de individuação, embora bem fundamentada nos escritos de Jung (2011) e von Franz (1993), permanece um campo pouco explorado de maneira sistemática nos estudos junguianos contemporâneos. Alguns dos artigos revisados (Chaves; Santos, 2023; Freire;

Bertoldo, 2023) indicam a falta de pesquisas empíricas que exploram, na prática clínica, os efeitos terapêuticos da escuta do desejo, do prazer e da sexualidade como manifestações do Self. A lacuna identificada indica a necessidade de investigações qualitativas futuras que documentam a experiência das mulheres em processos analíticos, envolvendo uma compreensão mais aprofundada de como a influência da sexualidade na transformação psíquica.

A seleção de artigos e autores foi guiada por critérios de relevância teórica, temporalidade (2015–2025) e pertinência temática. É possível que trabalhos significativos tenham sido excluídos, especialmente devido a barreiras de acesso a certas publicações ou por estarem em outras línguas e bases acadêmicas. A restrição apresentada sugere a necessidade de continuidade na pesquisa, expandindo o repertório teórico e promovendo novos diálogos interdisciplinares sobre a sexualidade, saúde mental e individuação feminina.

Em resumo, os limites identificados não comprometem os resultados desta pesquisa, mas sinalizam, de forma honesta, as áreas que ainda requerem investigação. A identificação dessas lacunas constitui um convite à expansão da perspectiva clínica e teórica, reafirmando o compromisso ético da psicologia em atender à complexidade do feminino em suas diversas manifestações e desejos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral compreender a relação entre a sexualidade feminina e o processo de individuação, a partir das contribuições da psicologia analítica**.** Para tanto, foram investigadas as bases teóricas de Carl Gustav Jung sobre a psique, a libido e o Self, bem como dialogado com autoras contemporâneas que vêm ampliando os olhares sobre o feminino, o desejo, o corpo e os processos de elaboração subjetiva. Ao longo dos cinco eixos temáticos que compuseram esta revisão, foi possível identificar o quanto a sexualidade, enquanto expressão da energia vital psíquica, tem sido historicamente reprimida, desviada e silenciada — sobretudo no que diz respeito à vivência das mulheres.

Na síntese dos resultados, observou-se que a sexualidade feminina tem sido, historicamente, objeto de normatização moral, médica e religiosa, o que contribuiu para a internalização de complexos de culpa, vergonha e inadequação (Cartaxo, 2023; Federici, 2017). Essa repressão não apenas produziu sofrimento individual e coletivo, mas afetou diretamente o desenvolvimento psíquico das mulheres, dificultando o acesso à plenitude, ao prazer e à integração dos próprios conteúdos inconscientes. A psicologia analítica, ao reconhecer a sexualidade como manifestação da libido — energia criativa e estruturante da psique — oferece um caminho de resgate e elaboração desses aspectos, possibilitando uma escuta clínica mais profunda e respeitosa da experiência feminina (Jung, 2011; Chaves e Santos, 2023).

Ao comparar as formulações clássicas de Jung, von Franz e Kast com pesquisas recentes no campo da psicologia analítica e das ciências humanas, nota-se uma ampliação significativa da compreensão sobre o papel da sexualidade no processo de individuação. Jung (2011) compreendia a sexualidade não como uma função isolada, mas como um dos modos de manifestação da libido, atravessando símbolos, sonhos e impulsos. Von Franz (1990) aprofundou essa ideia ao explorar os contos de fadas e os mitos como representações arquetípicas do feminino em processo de transformação. Já Kast (2021) destacou a força subversiva da sombra e o papel dos afetos reprimidos — incluindo os sexuais — como propulsores de

mudança e de integração psíquica. As pesquisas contemporâneas, por sua vez, têm reforçado a importância de se escutar o desejo feminino não apenas como sintoma ou conflito, mas como via legítima de subjetivação, construção de identidade e promoção de saúde mental (Chaves e Santos, 2023; De Marchi, Tristão e Altoé, 2024).

As implicações clínicas da investigação aqui proposta são amplas e significativas. A escuta clínica da sexualidade feminina exige sensibilidade, ética e conhecimento sobre os atravessamentos históricos e subjetivos que moldam a vivência do desejo nas mulheres. Ignorar esse aspecto é reduzir a psique a um modelo dissociado do corpo e de suas pulsões, o que pode acarretar em intervenções fragmentadas e ineficazes. Reconhecer a sexualidade como campo simbólico e energético do processo de individuação é uma forma de ampliar a prática analítica, favorecendo a elaboração de traumas, o enfrentamento da sombra e o fortalecimento do Self. Além disso, tal abordagem contribui para uma clínica que valoriza a diversidade, a complexidade e a dignidade da experiência feminina em seus múltiplos atravessamentos (Franco, 2022; Estés, 1994; Lima e Faria, 2022).

Ao longo desta pesquisa, também foram identificadas algumas limitações. Por tratar-se de um estudo de natureza qualitativa e bibliográfica, os dados apresentados estão restritos à análise teórica de fontes secundárias. Não foi realizada coleta empírica direta com pacientes ou profissionais da psicologia, o que restringe, em parte, a aplicabilidade imediata dos achados. Ainda assim, a riqueza das obras analisadas e a atualidade das discussões permitiram traçar um panorama robusto, crítico e consistente sobre o tema. Recomenda-se, para futuras investigações, a realização de estudos de campo que verifiquem, na prática clínica, como a sexualidade tem sido escutada, trabalhada e simbolizada no processo terapêutico com mulheres.

Como desdobramento, sugere-se o aprofundamento de temas correlatos, como as relações entre trauma sexual e individuação, a escuta dos arquétipos femininos na clínica contemporânea, ou ainda a formação analítica voltada para a escuta do desejo feminino. A valorização do corpo, do prazer e do erotismo como vias legítimas de expressão psíquica representa não apenas um avanço teórico, mas um compromisso ético com a escuta integral das mulheres. Que esta pesquisa possa, assim, contribuir para uma psicologia analítica mais sensível às

singularidades do feminino, mais consciente de sua história e mais aberta à potência criativa da sexualidade como força de transformação.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lindalva Jéssyka de Oliveira; QUEIROGA, M.; PINHEIRO, T. A dimensão de poder sobre os corpos femininos: uma leitura da Gestalt-terapia. **Psicologia em Revista**, v. 36, n. 1, p. 1-15, 2022.

BACARIN, Adriane Viola. Maria de Magdala. **Self - Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 1-24, 3 jul. 2019.

Bardin, Laurence. (2016). **Análise de conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BORIS, G. D. J. B. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado. Psico: **Revista de Psicologia**, v. 38, n. 2, p. 123-140, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARTAXO, Sofia Manosso; MELLO, Leonardo Tondato. A INFLUÊNCIA DO PATRIARCADO NA RELAÇÃO DA MULHER COM SEU CORPO: UM OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA. In: **AS VÁRIAS FACES DE EVA: O FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE-VOLUME 3**. Editora Científica Digital, 2023. p. 26-46.

CHAVES, Giane de Souza; SANTOS, Thalyta Borges dos. Compreensões da sexualidade através da lente da psicologia analítica. **Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto**, v. 1, n. 1, 2023.

CORDOVIL, Daniela. **A Deusa, a dança e o Sagrado Feminino**. Estúdio Flor de Lótus, 2018. Disponível em: https://www.estudioflordelotus.com/. Acesso em: 18 set. 2025.

DE SÁ, R.; DEOLA, T. Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade. In: FRANCO, Clarissa (org.). **Psicologia Pós-Junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade**. São Paulo: Dialética, 2022.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e lutas feministas. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANCO, Clarissa De (Org**.). Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Atena, 2022.

FRANCO, Clarissa de; MARANHÃO, Eduardo. Sagrado não-binário? O conceito de psique andrógina na reformulação do sagrado nos debates do Sagrado feminino. **Revista Mandrágora**, v. 25, n. 2, p. 127-151, 2019.

FREIRE, Lúcia Helena da Silva; BERTOLDO, Lilian Rosana. Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 1, 2023.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Obras completas, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1920.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Obras completas, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Obras completas, v. 6. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREEN, André. A sexualidade nas estruturas não neuróticas ontem e hoje. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 55, n. 1, p. 13-24, 2021.

JUNG, C. G. **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **A energia psíquica**. Obras completas. Vol. 8. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. V.8/2, 6. ed.. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas, v. 8/2)

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação**. v. 5. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KAST, Verena. **A sombra em nós**: a força vital subversiva. Petrópolis: Vozes, 2018.

LIMA, R. C.; FARIA, C. Complexos culturais e contribuições feministas para a psicologia analítica. **Revista Junguiana**, v. 2, n. 12, p. 23–31, 2021.

LIMA, Raul Alves Barreto; FARIA, Durval Luiz de. Psicologia analítica, gênero e feminismo: o sexismo como complexo cultural. In: FRANCO, Clarissa De (Org.). **Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade.** Ponta Grossa: Atena, 2022. p. 135–153.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUTSCHLER, Julia Fânzeres Caminha; SILVA, Lisienne de Morais Navarro Gonçalves. A DESCOLONIZAÇÃO DO FEMININO: por que mulheres atuais precisam despertar a consciência feminina. **Aracê**, v. 7, n. 6, p. 32488-32509, 2025.

NIELSSON, Joice Graciele. O controle reprodutivo de corpos femininos: da caça às bruxas à produção de vidas nua na democracia brasileira. **Revista Paradigma**, v. 28, n. 2, p. 70-100, 2019.

OLIVEIRA, Lorena de. A sexualidade feminina no Brasil: controle do corpo, vergonha e má-reputação. **Revista Direito e Sexualidade**, v. 1, n. 2, p. 99-117, 2023.

OLIVEIRA, Michelle Rodrigues de; MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida. O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. **Ciência e Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 26, n. 7, p. 2663-2672, jul. 2021.

Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., ... e Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, 372, n71.

PAGE, Matthew J. et al. A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. **Revista panamericana de salud publica**, v. 46, p. e112, 2023.

RODRIGUES, Marcia Corralero Rosa; MONACO, Roseli Aparecida. DESPERTANDO OS ASPECTOS SAUDÁVEIS DA PSIQUE FEMININA POR MEIO DAS ETAPAS DE INICIAÇÃO PROPOSTAS NO CONTO VASALISA EM “MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS”. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S.L.], v. 10, n. 7, p. 2877-2890, 25 jul. 2024.

ROSA, C. T. (2020). A Sexualidade Feminina em Escritos Das Pioneiras da Psicanálise. **Revista de Estudos Feministas**, v. 20, n. 3, p. 327-345, 2020.

SANTOS, J. C. dos. Compreensões da sexualidade através da lente da psicologia analítica. **Self**: **Revista do Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa**, v. 8, n. 14, p. 56–66, 2024.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A interpretação dos contos de fadas**. São Paulo: Paulus, 2000.

WHITMONT, E. C. **O retorno da Deusa**: sexualidade e religiosidade no inconsciente feminino. São Paulo: Paulus, 1990.

WOODMAN, Marion. **O vício da perfeição**: compreendendo a relação entre distúrbios alimentares e desenvolvimento psíquico. 5. ed. São Paulo: 2002.